



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

**LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS – MSI**

**DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO**

Ketlyn Batista Azevedo

**ASPECTOS CULTURAIS DE REPRESENTAÇÃO DO DÍA DE LOS  
MUERTOS NOS FILMES VIVA – A VIDA É UMA FESTA E FESTA NO CÉU**

Brasília

2025

Ketlyn Batista Azevedo

**ASPECTOS CULTURAIS DE REPRESENTAÇÃO DO DÍA DE LOS  
MUERTOS NOS FILMES VIVA – A VIDA É UMA FESTA E FESTA NO CÉU**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação.

Orientadora Profa. Dra Alessandra Matias Querido

Brasília

2025

Ketlyn Batista Azevedo

**ASPECTOS CULTURAIS DE REPRESENTAÇÃO DO DÍA DE LOS  
MUERTOS NOS FILMES VIVA – A VIDA É UMA FESTA E FESTA NO CÉU**

Trabalho de Conclusão do Curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI), Universidade de Brasília (UnB) como requisito para a aprovação no curso.

Brasília, fevereiro de 2025

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.(a) Dra. Alessandra Matias Querido  
Universidade de Brasília  
(Orientadora)

---

Prof. Dr. Cesário Alvim Pereira Filho  
Universidade de Brasília  
(1º Membro da banca)

---

Prof.(a) Dr. Fidel Armando Cañas Chávez  
Universidade de Brasília  
(2º Membro da banca)

## **AGRADECIMENTOS**

A jornada até aqui foi profunda, cheia de descobertas, desafios e, acima de tudo, conhecimento. Agradeço primeiramente à minha família, por todo o apoio, paciência e incentivo em cada etapa dessa caminhada. Aos amigos, que ficaram ao meu lado com palavras de ânimo e contemplação.

Um agradecimento especial à minha orientadora Alessandra, por compartilhar seu conhecimento, pelas orientações cuidadosas e por me guiar com sabedoria neste processo. E aos outros professores do LEA-MSI que participaram da pesquisa recomendando novas leituras.

Também sou grata a mim mesma, por ter persistido nos momentos difíceis em continuar pesquisando aquilo me estimula, mesmo quando o cansaço (como agora) parecia vencer.

Por fim, agradeço ao processo, às rasuras e rascunhos dos erros e acertos, porque sem eles não existiria a pesquisa e o crescimento. Obrigada!

“Si no morimos como vivimos es porque realmente no fue nuestra la vida que vivimos: no nos pertenecía como no nos pertenece la mala suerte que nos mata. Dime cómo mueres y te diré quién eres.” – Octavio Paz

## **RESUMO**

Este trabalho apresenta uma análise sobre o *Día de los Muertos*, explorando sua importância cultural e artística. Para isso, foram estudadas duas obras cinematográficas relacionados ao tema, com pesquisas sobre suas origens e curiosidades. O processo envolveu a observação atenta das obras em diferentes momentos, permitindo refletir sobre seus significados e conexões com a tradição. Além da análise visual, também investigamos o contexto histórico e o desenvolvimento narrativo presente nas produções, destacando como a arte preserva memórias e ressignifica a relação entre vida e morte.

**Palavras-chave:** Día de los Muertos, cultura mexicana, festividades tradicionais, ancestralidade, cinema de animação.

## **RESUMEN**

Este trabajo presenta un análisis del Día de los Muertos, explorando su importancia cultural y artística. Para ello se estudiaron dos obras cinematográficas relacionadas con la temática, investigando sus orígenes y curiosidades. El proceso implicó una observación cuidadosa de las obras en diferentes momentos, lo que permitió reflexionar sobre sus significados y conexiones con la tradición. Además del análisis visual, también investigamos el contexto histórico y el desarrollo narrativo presente en las producciones, destacando cómo el arte preserva la memoria y redefine la relación entre la vida y la muerte.

**Palabras-clave:** Día de los Muertos, cultura mexicana, fiestas tradicionales, ancestralidad, cine animado.

## **ABSTRACT**

This paper presents an analysis of Día de los Muertos, exploring its cultural and artistic importance. To this end, two cinematographic works related to the theme were studied, with research into their origins and curiosities. The process involved careful observation of the works at different times, allowing reflection on their meanings and connections with tradition. In addition to the visual analysis, we also investigated the historical context and narrative development present in the productions, highlighting how art preserves memories and resignifies the relationship between life and death.

**Keywords:** Día de los Muertos, Mexican culture, traditional festivities, ancestry, animated cinema.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Maria, Joaquim e Manolo em Festa no Céu.....	40
Figura 2: Xibalba e Catrina em Festa no Céu.....	41
Figura 3: A Caveira Garbancera de José Guadalupe Posada.....	43
Figura 4: “Sueño de una tarde dominical en la Alameda”.....	45
Figura 5: Catrina em Festa no Céu.....	46
Figura 6: Xibalba em Festa no Céu.....	46
Figura 7: Manolo em Festa no Céu.....	48
Figura 8: Altar da família Rivera em Viva – A Vida é uma Festa.....	49
Figura 9: Frida Kahlo em Viva – A Vida é uma Festa.....	50
Figura 10: Dante em Viva – A Vida é uma Festa.....	51
Figura 11: O altar da família Rivera.....	52
Figura 12: Avó de Miguel explicando a importância da tradição.....	52
Figura 13: Altar da Família Rivera com os objetos pessoais: fotografias, caveiras de açúcar, velas, flores, alimentos e os famosos sapatos que representam sua ancestralidade.....	53
Figura 14: Miguel homenageando Ernesto de la Cruz com bonecos representativos, flores, canecas, comidas e caveiras de açúcar.....	53
Figura 15: Miguel comparando os violões de Ernesto de la Cruz com o tataravô.....	54
Figura 16: Miguel pegando os alimentos da oferenda dos falecidos.....	54

Figura 17: A ponte que interliga o mundo dos vivos e dos mortos.....	55
Figura 18: Miguel admirando o mundo dos mortos.....	55
Figura 19: Os mortos retornando com suas oferendas.....	56
Figura 20: Héctor se passando por Frida para visitar a terra dos vivos...56	
Figura 21: Símbolos do México: Frida Kahlo e seu Alebrije.....	57
Figura 22: Amigo de Héctor da terra dos mortos sendo esquecido.....	58
Figura 23: Miguel e as Calaveras de Posada.....	58
Figura 24: Miguel cantando para Ines se recordar do pai.....	59
Figura 25: Ines se emocionando com Miguel.....	60
Figura 26: Ines se recordando e incluindo o pai na fotografia da família.....	60
Figura 27: Símbolos da cultura mexicana em Festa no Céu.....	61
Figura 28: A Terra dos Lembrados em Festa no Céu.....	61
Figura 29: A Terra dos Esquecidos em Festa no Céu.....	62
Figura 30: As oferendas dedicadas a Família Sánchez.....	62
Figura 31: Os familiares falecidos da família Sánchez.....	63
Figura 32: Os bonecos de madeira em Festa no Céu.....	63
Figura 33: Xibalba em Festa no Céu.....	64
Figura 34: A ponte dos mortos em Festa no Céu.....	64
Figura 35: Manolo se reencontra com seus falecidos familiares.....	65
Figura 36: O altar de Manolo feito por seu pai.....	65

Figura 37: O labirinto do julgamento.....	66
Figura 38: Os quatro reinos em Festa no Céu.....	66
Figura 39: Carlos, o pai de Manolo em Festa no Céu.....	67

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 – DÍA DE LOS MUERTOS</b> .....	15
1.1 – Vida e morte para os Maias.....	19
1.2 – Vida e morte para os Astecas.....	22
1.3 – A diversidade das datas e costumes.....	23
1.4 – Deuses Astecas e Maias.....	24
1.5 – Espanhóis e o Catolicismo.....	25
1.6 – Contos mexicanos populares sobre a morte.....	27
<b>2 – Cultura e globalização</b> .....	31
<b>3 – Halloween</b> .....	31
<b>4 – Disney e a compra do Día de los Muertos</b> .....	34
<b>5 – UNESCO e a preservação do Día de los Muertos</b> .....	34
<b>3 – Metodologia</b> .....	37
<b>4 – Análise dos filmes</b> .....	38
4.1 – “Festa no Céu” – (The Book of Life) .....	39
4.1.1 – Catrina.....	42
4.1.2 – Xibalba.....	46
4.2 – “Viva – A Vida é uma Festa” – (Coco) .....	48
Cenas do Filme “Festa no Céu” .....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	68
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	70

“Si no morimos como vivimos es porque realmente no fue nuestra la vida que vivimos: no nos pertenecía como no nos pertenece la mala suerte que nos mata. Dime cómo mueres y te diré quién eres.” – Octavio Paz

## INTRODUÇÃO

O *Día de los Muertos* é uma celebração tradicional mexicana que honra os entes queridos falecidos e tem sido representada de diversas formas no cinema. Os filmes *Festa no Céu* (2014) e *Viva – A vida é uma Festa* (2017) trazem essa data como tema central em seus símbolos, cores e personagens. No primeiro filme citado sua representação e história da cultura mexicana é contada a partir dos próprios personagens, em seus nomes, trajes e detalhes peculiares como o formato de sua aparência. Na segunda obra o que mais se destaca é o roteiro que através das imagens contribuem com o todo para a interpretação da história.

A partir da análise comparativa dessas obras, este trabalho busca compreender como a cultura mexicana é reinterpretada na animação. Através da arte que expressa a celebração, com símbolos da cultura, como as *calaveras*, os altares e os *papeis picados*. Este trabalho tem como objetivo explorar como essas duas obras relacionam suas origens, seu contexto cultural e as influências que moldaram a estética do *Día de los Muertos*.

Para que a finalidade desta pesquisa fosse alcançada, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa bibliográfica do tema *Día de los Muertos*, afim de, compreender profundamente os aspectos de composição das obras selecionadas.

Diante disso, este trabalho busca responder: se os costumes e características dessa celebração foram respeitados e quais aspectos foram representados. Como a história cultural é abordada nessas narrativas e quais e quais são poucos abordados.

## 1 – DÍA DE LOS MUERTOS

Antes de adentrar nas discussões teóricas, é possível observar que normalmente, o Dia dos Mortos ou de Finados é uma celebração conhecida e registrada por grande parte dos calendários ocidentais nos dias 1º ou 2 de novembro. A data é associada a relatos sobre aqueles que já partiram, normalmente relacionada a caveiras, cemitérios e fantasmas. O medo e a dúvida sobre a morte são questionamentos comuns entre os seres humanos, influenciados por suposições pelo que acontece depois da vida. As cerimônias sobre a morte estão relacionadas tanto aos que ficam e digerem o fim de um ciclo, quanto àqueles que transcendem a matéria.

Para uma grande parte do ocidente, é uma data associada à dor da perda de entes queridos. Aqui no Brasil, por exemplo, o Dia de Finados acontece no dia 2 de novembro, quando as pessoas normalmente visitam os cemitérios e as igrejas para honrar os falecidos. Por outro lado, no México, a tradição é diferente, o que pode causar estranheza para outros povos.

Embora caveiras sejam associadas à morte, elas não costumam ser usadas como enfeites no dia dos mortos em muitos lugares. Por isso, por exemplo, os brasileiros podem estranhar que os mexicanos usem caveiras decoradas nesse dia em celebrações vibrantes cheias de cores de *cempasúchil*<sup>1</sup> (as flores amarelas e alaranjadas) que são muito usadas para decorar seus altares, cidades e vestes. As caveiras mexicanas marcam presença por todos os lugares, carregando histórias e arte desde objetos pessoais ao formato dos alimentos que são ocasionalmente preparados e servidos durante essa época do ano.

Os mexicanos são um povo que possui uma herança rica ancestral com influência de vários grupos de etnias indígenas, algumas pouco conhecidas e mencionadas, como podemos ver na citação a seguir:

Las festividades indígenas en torno a los muertos se llevan a cabo en 41 grupos étnicos de México, entre los cuales se encuentran los amuzgos, atzincas, coras, cuicatecos, chatinos, chichimecas-jonaz, chinantecos, chocho-popolocas, choles, chontales de Oaxaca y Tabasco, huastecos o teneek, huaves, huicholes, ixcatecos, ixiles,

---

<sup>1</sup> <https://www.nationalgeographicla.com/historia/2024/10/los-4-datos-curiosos-de-la-flor-de-cempasuchil-icono-de-mexico-y-del-dia-de-muertos>

jacaltecos, matlatzincas, mayas, lacandones, mayos, mazahuas, mazatecos, mixes, mixtecos, motozintlecos, nahuas, pames, popolucas, purépechas, tepehuas, tepehuanos, tlapanecos, tojolabales, totonacas, triques, tzeltales, tzotziles, yaquis, zapotecos y zoques. (CONACULTA, 2006, p.16-17)<sup>2</sup>

Contudo, a grande concentração dos costumes e registros encontrados são de tradição Maia e Asteca que durante os anos foram se fundindo à cultura europeia, durante e após a colonização violenta dos espanhóis.

Assim há várias formas desses povos reverenciar os seus antepassados, mesclando-se em um todo ao que conhecemos e recebemos de informação. Pelos meios de comunicação é apresentado o quanto dançam e cantam ao redor de altares para homenagear seus entes queridos. Mas essa é apenas uma parte do que é apresentado e conhecido, pois para eles também é um dia nostálgico, triste e esperançoso.

Certamente, “loucos” para eles são aqueles que não honram o legado daqueles que já partiram. O dia 01 de novembro para os mexicanos é marcado para se refletir e conhecer a vida daqueles que vivem em outro plano, como a própria vida daqueles que ainda estão vivos. Inclusive, ouvir as histórias dos antepassados e internalizar os aprendizados.

Esta forma de celebração, no entanto, vem de outros tempos e povos. Nossa análise começa com os povos originários mais citados no México, os Maias e o Astecas, conhecidos como *Mexicas*, que celebravam o *Día de los Muertos* muito antes da presença europeia na região há cerca de três mil anos (VILLASENOR, CONCONE, 2012 apud ARAÚJO, BRAGA, 2018, p. 2). Os *Mexicas* possuíam algumas visões em comum e uma delas a crença sobre a vida após a morte, assim como cultuar mais de uma divindade (ARAÚJO, BRAGA, 2018, p. 3). Outra de suas semelhanças culturais se reflete na agricultura avançada para a época e a devoção aos deuses que cada grupo cultuava que se relacionava com a natureza.

---

<sup>2</sup> As festividades indígenas em torno dos mortos são realizadas em 41 grupos étnicos do México, entre os quais estão os amuzgos, atzincas, coras, cuicatecos, chatinos, chichimecas-jonaz, chinantecos, chocho-popolocas, choles, chontales de Oaxaca e Tabasco, huastecos ou teneek, huaves, huicholes, ixcatecos, ixiles, jacaltecos, matlatzincas, mayas, lacandones, mayos, mazahuas, mazatecos, mixes, mixtecos, motozintlecos, nahuas, pames, popolucas, purépechas, tepehuas, tepehuanos, tlapanecos, tojolabales, totonacas, triques, tzeltales, tzotziles, yaquis, zapotecos e zoques. (CONACULTA, 2006, p.16-17)

[...] antes de la llegada de los españoles cada grupo nativo tuvo sus calendarios festivos dedicados a celebrar la vida y la muerte de todo lo que los rodeaba mientras que los dioses de la naturaleza negociaban sus temores; en su mayoría fueron sociedades campesinas, recolectoras y cazadoras, donde el clima, la geografía y los astros les impusieron sus actividades, creencias y limitaciones. (MALVIDO, 2006, p. 44)<sup>3</sup>

Para Florencio (2014, p. 11), Goucher e Walton (2011, p. 100) a visão de suas vivências estavam diretamente interligadas aos deuses como forma de aprendizado e comunicação entre eles. Compreendiam que a terra e eles eram um só, de modo que todos os seres tinham algo a ensinar sobre a vida e a morte, acreditavam que espíritos se incorporavam na natureza e assim fossem a própria representação dos deuses.

A cultura asteca, por exemplo, aceitava com naturalidade a ideia da vida após a morte, pois tomava como exemplo a própria natureza: o sol é engolido pela noite quando “morre” no final da tarde, mas no dia seguinte surge uma “nova vida”; as estações do ano também “morrem” em sequência para dar lugar a “outra vida”. Assim, a morte nada tem de eterno; é, antes, um momento efêmero que abre caminho para nova fase de um ciclo infinito. (FLORENCIO, 2014, p. 11)

Os povos originários interpretavam a escassez e a abundância da vida em suas colheitas de acordo com suas crenças, por isso dedicavam os frutos a agradecer aos deuses tanto quanto os antepassados por terem contribuído com o que conquistaram (RUIZ, 2013, p. 44). Reconhecendo aqueles que vieram e fizeram antes deles e, que ainda assim contribuíssem em outro plano:

Los principios de reciprocidad que rigen entre los hombres y sus ancestros convierten a las ofrendas del Día de Muertos en una retribución simbólica, ya que el ciclo agrícola del maíz sería inconcebible sin la intervención de los antepasados. Unido a una concepción cíclica de la vida y la muerte, el pensamiento indígena se organiza como una visión sumamente elaborada del cosmos que encuentra en la fiesta de los muertos el espacio más propicio para expresarse. (CONACULTA, 2006, p.19)<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> [...] antes da chegada dos espanhóis, cada grupo nativo tinha seus calendários festivos dedicados a celebrar a vida e a morte de tudo ao seu redor enquanto os deuses da natureza negociavam seus medos; eram sociedades majoritariamente camponesas, coletoras e caçadoras, onde o clima, a geografia e os astros impunham suas atividades, crenças e limitações. (MALVIDO, 2006, p. 44)

<sup>4</sup> Os princípios de reciprocidade que regem entre os homens e seus ancestrais fazem das oferendas do Dia dos Mortos uma retribuição simbólica, pois o ciclo agrícola do milho seria inconcebível sem a intervenção dos ancestrais. Ligado a uma concepção cíclica da vida e da morte, o pensamento indígena se organiza como uma visão altamente elaborada do cosmos que encontra na festa dos mortos o espaço mais propício para sua expressão. (CONACULTA, 2006, p.19)

As práticas do ritual aos falecidos aconteciam no nono mês do calendário solar Asteca, representado pelo mês de agosto no calendário Gregoriano que atualmente a maioria dos países aderiram, conforme Araújo e Braga (2018, p. 7) que representa um novo começo da vida após a morte. “Essa celebração dos mortos era ligada ao calendário agrícola pré-hispânico e realizada no ciclo da colheita.” (VILLASENOR, CONCONE, 2012 apud ARAÚJO, BRAGA, 2018, p. 3).

A influência da safra dos alimentos “[...] milho, abóbora, grão de bico e feijão [...]” (AZEVEDO, Cinara *et al.*, 2011-2013, p. 7) eram colhidos e oferecidos aos Deuses como forma de agradecimento, uma das maneiras que praticavam suas crenças. Associando os contextos que viviam de escassez a riquezas dos ciclos agrícolas em reconhecimento a influência dos antepassados e dos deuses nas colheitas e, assim, devolvendo a eles o que acreditavam ser de direito por estarem vivos em um outro plano.

Os astecas chamaram a planta domesticada de *teocentli*, que significava “o milho da dádiva de Deus”. O poder do milho, segundo as crenças dos mesoamericanos primitivos, era espiritual e físico. De acordo com as crenças astecas, o primeiro casal de humanos lançou sementes de milho para revelar seu futuro. Com milho e outras plantas selecionadas, a visão daquele futuro teria incluído a criação eventual de comunidades permanentes assentadas e grandes complexos cerimoniais. (GOUCHER, WALTON, 2011, p. 47)

Para os Astecas, assim como para os Maias, a existência deles estava diretamente ligada à criação do milho e ao sangue dos deuses derramado sobre eles, eram gratos por Ihe permitirem consciência, por isso os reverenciavam em rituais que envolviam alimentos, flores e sacrifícios.

No mito da criação da humanidade, Quetzalcóatl desce para Mictlán - o submundo - onde é enviado para remover alguns ossos. No entanto, Mictlanteuctli e Mictlancihuatl, os deuses governantes do submundo, concordam em dar os ossos somente se Quetzalcóatl puder soprar uma corneta de concha que não tenha furos. O inteligente Quetzalcóatl contorna o problema fazendo com que vermes façam furos na concha e colocando abelhas dentro para fazê-la soar. Quetzalcóatl também finge deixar o submundo sem os ossos, declarando sua intenção de deixá-los onde estão, enquanto na verdade ele os rouba debaixo do nariz de Mictlanteuctli. O deus fica indignado com o engano e faz um poço para prender o trapaceiro. Quetzalcóatl de fato cai no poço e, ao fazê-lo, espalha os ossos ilícitos para que as partes masculina e feminina sejam misturadas. Reunindo os ossos, Quetzalcóatl escapa do poço e os entrega à grande deusa serpente Cihuacóatl para que

magicamente os transforme em pessoas, misturando-os com milho e um pouco do sangue de Quetzalcóatl.<sup>5</sup>

Segundo Ruz (1993, p. 218), o calendário pré-hispânico que as antigas civilizações utilizavam possuía 365 dias, dividido por 18 meses de 20 dias com 5 dias sobrando considerados ameaçadores. Usado para definir as mudanças das estações e astrológicas que influenciariam a colheita, o cotidiano da comunidade que era inspirado por circunstâncias que estavam relacionados aos conceitos religiosos que possuíam. Assim como um outro calendário religioso de 260 dias que era utilizado por algumas comunidades.

### 1.1 Vida e morte para os Maias

Influenciados pelas tradições culturais *olmecas* que, segundo alguns historiadores seria a “cultura mãe” antecessora, eles construíram altares de pedra aos deuses (PEREGALLI, 1950 p. 13-14) que cultuavam, assim como calendários, esculturas, pinturas e a escrita (CARDOSO, 1993, p. 62) que teriam influenciado as próximas civilizações como os Maias pelos pontos em comuns religiosos: “[...] las fuerzas naturales, obviamente las mismas para todos estos pueblos, originaron dioses paralelos, con un culto análogo y a veces con representaciones parecidas.” (RUZ, 1993, p. 132).<sup>6</sup>

El politeísmo y el ceremonialismo son los rasgos sobresalientes de la religión mexicana antigua. Regían el mundo numerosas deidades antropomórficas que encarnaban tanto elementos de la naturaleza como actividades humanas. Los representantes de estas deidades participaban en un ceremonial exuberante que expresaba el ritmo del universo conforme a las divisiones del tiempo y del espacio coordinadas en el calendario ritual. (CARRASCO, CÉSPEDES, 1985, p. 86)<sup>7</sup>

Acreditavam na personificação dos deuses aos elementos da natureza, onde estavam diretamente interligados a chuva, a terra, a água, o fogo, o vento,

---

<sup>5</sup> <https://www.worldhistory.org/Quetzalcoatl/>

<sup>6</sup> “[...] as forças naturais, obviamente as mesmas para todos esses povos, deram origem a deuses paralelos, com culto análogo e, às vezes, com representações semelhantes.” (RUZ, 1993, p. 132).

<sup>7</sup> O politeísmo e o ceremonialismo são as características marcantes da antiga religião mexicana. O mundo era governado por inúmeras divindades antropomórficas que incorporavam elementos da natureza e atividades humanas. Os representantes dessas divindades participavam de uma cerimônia exuberante que expressava o ritmo do universo de acordo com as divisões de tempo e espaço coordenadas no calendário ritualístico. (CARRASCO, CÉSPEDES, 1985, p. 86)

os astros, os alimentos e as plantas. As estações do ano tinham um significado muito importante para as celebrações dos rituais, interligados a agricultura e as crenças que possuíam sobre os fenômenos astrais que eram interpretados como as próprias deidades (RUZ, 1993, p. 131).

“Los dioses nacionales eran los caudillos ancestrales del grupo, como los dioses guerreros de los mexicas, tlaxcaltecas y otros, o Quetzalcoatl, el rey-sacerdote de los toltecas. ” (CARRASCO, CÉSPEDES, 1985, p. 87).<sup>8</sup> Segundo a citação, conseguimos perceber que as crenças eram passadas de civilizações a civilizações, muitos dos deuses que uma civilização anterior cultuava passava a ser seguidos pelos outros povos. No entanto, dependendo dos contextos que viviam, os recursos e a visão que possuíam dos deuses se modificavam e surgiam novas formas, nomes que possuíam ou acrescentavam.

[...] os maias posteriores adoravam uma variedade de deuses, com no mínimo doze maiores e muitos outros menores, alguns bons, alguns ruins, ou maus. O seu deus Chefe, Kukulcan, não era senão o deus Serpente Emplumado conhecido no México como Quetzalcoatl, o deus do vento que simboliza a ondulação das águas por ele causada, a respiração da própria vida e a união do céu com a terra. (BAITY, 1963, p. 147-148)

Conforme a lenda dos Maias, os deuses tentaram de várias formas criar os seres humanos a partir da madeira, palha e cerâmica. Porém, quando os homens apresentaram a incapacidade de adorá-los como queriam, seus criadores os destruíram através de fenômenos naturais: as enchentes. Quando criaram o homem a partir do milho e do sangue, os deuses satisfeitos com os resultados da criação, sucedeu-se a humanidade. “Os maias fizeram tudo para satisfazerem a seus deuses, e pensavam ir ou para um céu onde ninguém tinha que plantar milho ou então temiam ir para um inferno de gelo eterno. ” (BAITY, 1963, p. 150). As antigas civilizações acreditavam ser uma obrigação sagrada e primordial honrar os deuses constantemente com oferendas de sangue humano. Existindo casos de auto sacrifícios dos próprios indivíduos para ofertar o próprio sangue. Os Maias entravam em guerra constantemente e assim sacrificavam os seus prisioneiros, ainda que não

---

<sup>8</sup> “Os deuses nacionais eram os líderes ancestrais do grupo, como os deuses guerreiros dos mexicas, tlaxcaltecas e outros, ou Quetzalcoatl, o rei-sacerdote dos toltecas. ” (CARRASCO, CÉSPEDES, 1985, p. 87).

frequentemente quanto os outros *mexicas* (SOLANA, 1991, p. 72-74). Segundo a citação de Baity, ela menciona que os esforços dos Maias em aplacar a ira dos deuses não incluíam muitos sacrifícios humanos, pois estudos de Harvard pelo Dr. Hooton indicam apenas quarenta e dois indivíduos reconstruídos das ossadas encontradas em “Cenote” em *Chichen Itzá*, onde a probabilidade da porcentagem de alguns desses indivíduos estarem ali seria por outros contextos e não como oferendas aos deuses (BAITY, 1963, p. 150).

Crefían los mayas que había un *Chaac* en el cielo para cada rumbo cardinal y de un determinado color: *Chac Xib Chaac*, el hombre rojo de la lluvia, al Este; *Sac Xib Chaac*, el hombre blanco de la lluvia, al Norte; *Ek Xib Chaac*, el hombre negro de la lluvia, al Oeste, y *Kan Xib Chaac*, el hombre amarillo de la lluvia, al Sur. (RUZ, 1993, p. 133)<sup>9</sup>

Para os Maias, o mundo era dividido em quatro regiões por cores que representavam o mesmo deus em facetas diferentes: *Chaac*, o deus da chuva. “La distinción de los puntos cardinales determinaba la posible división de una misma divinidad en cuatro semejantes, asociada cada una a un color propio de cada rumbo, que no siempre tenía su correspondencia en las diferentes culturas [...]” (RUZ, 1993, p. 131-132).<sup>10</sup>

Entre uma grande variedade de deuses, um dos mais importantes para os Maias era os deuses da morte que possuíam nomes e características específicas, o mais conhecido chamado *Ah Puch*, uma divindade impiedosa que vivia no submundo com sua consorte. Outro mito relevante para os Maias é dos gêmeos *Hunahpú* e *Ixbalanqué* que foram até o submundo conhecido como *Xibalba* e tiveram que passar por uma série de provas das quais venceram e cada um se transformou no Sol e na Lua (SOLANA, 1991, p.65-67). Os símbolos encontrados sobre a crença em ilustrações descrevem que os deuses do submundo eram retratados frequentemente e fáceis de serem identificados pelas representações esqueléticas: “Suelen representarse también con una calavera

---

<sup>9</sup> Os maias acreditavam que havia um *Chaac* no céu para cada direção cardeal e de uma determinada cor: *Chac Xib Chaac*, o homem vermelho da chuva, ao leste; *Sac Xib Chaac*, o homem branco da chuva, ao Norte; *Ek Xib Chaac*, o homem da chuva negra, ao oeste, e *Kan Xib Chaac*, o homem da chuva amarela, ao sul. (RUZ, 1993, pág. 133)

<sup>10</sup> “La distinción de los puntos cardinales determinaba la posible división de una misma divinidad en cuatro semejantes, asociada cada una a un color propio de cada rumbo, que no siempre tenía su correspondencia en las diferentes culturas [...]” (RUZ, 1993, p. 131-132).

en vez de rostro, el vientre abultado y las extremidades exageradamente delgadas.” (SOLANA, 1991, p.65).<sup>11</sup>

## 1.2 Vida e morte para os Astecas

Os Astecas, assim como os Maias, também eram politeístas, acreditavam em mais de uma divindade e se baseavam na natureza para aprender mais sobre suas origens. Seus deuses estavam relacionados aos principais elementos da natureza, aos animais, aos quatro pontos cardeais e ao centro (VAILLANT, 1944, p.165-166).

Uma das diversas versões da criação asteca menciona o deus *Quetzalcóatl* e, outras vezes, *Tezcatlipoca* como os principais deuses. Segundo as narrativas sobre a constituição da vida, os deuses criaram outras quatro eras nas quais não tiveram tanto êxito, resultando em catástrofes naturais (KRICKEBERG, 1956, p.128).

Segundo Vaillant (1944, p.166-167) e Carrasco (1985, p.89) a religião asteca não possuía um significado moral sobre céu e inferno “sendo simplesmente mundos superiores e inferiores” que representavam a moradia dos deuses, o céu possuindo 13 camadas e o mundo subterrâneo, chamado *Mictlan*, em nove níveis “[...] donde reinaba *Mictlanteuctli*, ‘*Señor del Infierno*’, y su mujer, *Mictecacihuatl*, ‘*Mujer Infernal*.’”<sup>12</sup>

Mictlantecuhtli era um deus tão importante no panteão asteca porque, como governante de Mictlán, todas as almas um dia o encontrariam cara a cara, pois acreditava-se que apenas aqueles que sofriam uma morte violenta, mulheres que morriam no parto ou pessoas mortas por tempestades ou inundações evitavam o submundo na vida após a morte. Os astecas não acreditavam em um paraíso especial reservado apenas para os justos, mas sim que todas as pessoas compartilhavam o mesmo destino após a morte, independentemente do tipo de vida que levavam. As almas desciam as nove camadas do submundo em uma árdua jornada de quatro anos até eventualmente atingirem a extinção na parte mais profunda - Mictlan Opochcalocan. Mictlantecuhtli era particularmente adorado no mês asteca de Tititl, onde, no templo de

---

<sup>11</sup> “Eles também costumam ser representados com uma caveira em vez de um rosto, uma barriga protuberante e membros exageradamente finos.” (SOLANA, 1991, p.65).

<sup>12</sup> “[...] onde *Mictlanteuctli*, ‘*Senhor do Inferno*’, e sua esposa, *Mictecacihuatl*, ‘*Mulher Infernal*’, reinavam.”

Tlalxicco, um imitador do deus era sacrificado e incenso era queimado em sua homenagem.<sup>13</sup>

Conforme Carrasco (1985, p.89) os mortos viviam em *Mictlan* de maneira similar como viviam na terra. Eram enterrados com utensílios de seus serviços, vítimas que foram oferecidas em sacrifícios e, em casos de senhores ricos, seus escravos eram sacrificados para continuar a servi-los depois da morte. Uma viagem com a duração de quatro anos de provações. Por isso, durante esse período os familiares enterravam novas oferendas.

### 1.3 A diversidade das datas e costumes

Visto que “[...] cada grupo nativo tinha os seus próprios calendários [...]” (Malvido, 2006, p. 44), Ruiz menciona as singularidades dos povos “[...] en Michoacán conmemorar el Día de Muertos el 1 y 2 de noviembre tuvo características peculiares, según si su población era rural o urbana, indígena o no indígena, familiar o comunitaria.” (2013, p. 43)<sup>14</sup> influenciadas pelos meios que viviam, refletindo a costumes diversificados, mas semelhantes ao mesmo tempo.

A pesar de este sustrato cultural común, ninguna celebración y ningún altar dedicado a los muertos es igual a otro y varían de una comunidad indígena a otra. Existen, sin embargo, elementos comunes: el arco de varas enlazadas que se cubre con flores amarillas, los caminos o tapetes hechos con pétalos de cempasúchil que ayudan al muerto a encontrar su altar, las velas y veladoras que alumbran a los difuntos, los sahumerios con copal y las ofrendas con pan, frutas, calabazas y camote cocidos en piloncillo, figuras de azúcar, agua, sal, y los platillos y bebidas que fueron del gusto de los difuntos –aguardiente, tequila, cervezas, atoles, refrescos. (RUIZ, 2013, p. 44)<sup>15</sup>

Acrescentando-se que as datas do *Día de los Muertos* variam entre dias e até meses, conforme os povos, segundo Pintado (2006, p. 137) menciona que

---

<sup>13</sup> <https://www.worldhistory.org/Mictlantecuhtli/>

<sup>14</sup> “[...] em Michoacán, a comemoração do Dia dos Mortos nos dias 1 e 2 de novembro tinha características peculiares, dependendo se sua população era rural ou urbana, indígena ou não indígena, familiar ou comunitária.” (2013, pág. 43)

<sup>15</sup> Apesar dessa base cultural comum, nenhuma celebração ou altar dedicado aos mortos é igual ao outro e varia de uma comunidade indígena para outra. Há, no entanto, elementos comuns: o arco de varas entrelaçadas que é coberto com flores amarelas, os caminhos ou tapetes feitos com pétalas de cempasúchil que ajudam os mortos a encontrar seu altar, as velas e círios votivos que iluminam os defuntos, o incenso com copal e as oferendas com pão, frutas, abóboras e batata-doce cozidas em piloncillo, figuras de açúcar, água, sal e os pratos e bebidas que eram do gosto do defunto - licor, tequila, cerveja, atoles, refrigerantes. (RUIZ, 2013, p. 44)

não existia uma definição para se realizar as celebrações, elas eram comemoradas em qualquer época do ano, exceto no final dos meses de junho, julho e agosto, pois durante o período de chuva, eles contemplavam o milho crescer. Algumas celebrações indígenas aconteciam no final do mês de outubro entre 25 a 30 e, primeiro a três de novembro. Contudo, algumas comunidades expandiam a celebração por todo o mês de novembro. Por exemplo, o grupo *Chontales de Tabasco* que encurtava o período em dois dias (CONACULTA, 2006, p.17).

#### 1.4 Deuses Astecas e Maias

Um detalhe importante de se observar atualmente sobre a diversidade de comemorações e datas entre os grupos mencionados é que mesmo entre eles existindo semelhanças e diferenças muito mais se existia entre os Maias e os Astecas. Os *Mexicas* possuíam crenças equivalentes, mas não buscavam ou tinham a mesma forma de se basear sobre elas (servindo de exemplo da mesma maneira as comunidades atuais em suas peculiaridades).

Evidentemente, los rituales asociados a los muertos observan importantes variaciones de comunidad en comunidad no sólo en el terreno de las representaciones cosmológicas que sustentan la ideología comunitaria, sino también en el del ritual, en donde cada acción que se realiza comporta una rica gama de sentidos que aún es necesario investigar." (RUBIO, MARTÍNEZ, 2006, p. 97)<sup>16</sup>

Como já foi mencionado anteriormente as divindades não possuíam os mesmos nomes, alguns tinham mais de um nome dependendo dos povos para se referir a eles. Os rituais também não eram realizados da mesma maneira, mas compartilhavam o mesmo conceito sobre a morte e da existência de governantes responsáveis pelos falecidos.

Conforme Araújo e Braga (2018, p. 4-5), o Deus Asteca que governava o submundo se chamava *Mictlantecuhtli* e vivia com sua esposa *Mictlancihuatl* na nona camada de *Mictlán*. Sua esposa também conhecida por "Dama da Morte".

---

<sup>16</sup> Claramente os rituais associados aos mortos apresentam variações significativas de comunidade para comunidade, não apenas no campo das representações cosmológicas que sustentam a ideologia comunitária, mas também no campo do ritual, onde cada ação realizada envolve uma rica gama de significados que ainda precisam ser investigados." (RUBIO, MARTÍNEZ, 2006, p. 97)

Mictlantecuhtli (Senhor do Lugar dos Mortos) era a principal divindade associada à morte. Conforme a crença asteca, vivia no Mictlán, na escuridão da noite, e era o senhor do espírito dos mortos. Representado como um esqueleto, às vezes aparecia com pele, cujo crânio mostra as mandíbulas abertas exibindo todos seus dentes. Algumas esculturas o retratam com pequenos orifícios espalhados em sua pele, representando os pelos já caídos pela decomposição do corpo após a morte [...] (NAVARRO, 2024, p. 112)

Na civilização Maia, os deuses representantes do submundo são caracterizados em muitos nomes e descrições, às vezes representados por um só em suas multifacetadas, o que é comum na cosmologia Maia o deus possuir vários nomes e faces para representar uma outra forma dos diversos aspectos de sua natureza:

Había un gran número de Dioses de la Muerte, cada uno tenía su nombre particular y sus atributos singulares. El principal, parecer haber sido *Ah Puch*, deidad malévolas que presidía em el inframundo junto con su consorte. Otros dioses eran: *Yum Cimil*, *Señor de la Muerte* y *Cizin* (nombre relacionado con la peste de los cadáveres. A estos dioses, se les asociaba con el sur y el color amarillo, y sus acompañantes, eran el perro y la lechuza. (SOLANA, 1991, p.65-66)<sup>17</sup>

Em um de seus outros nomes, *Ah Puch* se chama *Kisín*, que segundo Dorado (1990, p.106) é um esqueleto antropomorfo com manchas amarelas e vestígios da putrefação dos cadáveres em gases de odores. Descrito como: “Dios maligno y negativo cuya presencia es siempre um mal augúrio, perífrasis de la destrucción, la carestia, el hambre y toda clase de carencias dolorosas”.<sup>18</sup>

Em concordância com o que foi mencionado, é perceptível que existem coincidências sobre os deuses pré-hispanicos, algumas descrições se assemelham bastante, como o lugar que governam e as características físicas, porém diferentes em suas origens e rituais segundo cada povo.

## 1.5 Espanhóis e o Catolicismo

---

<sup>17</sup> Havia um grande número de Deuses da Morte, cada um tinha seu nome particular e seus atributos singulares. O principal deles parece ter sido *Ah Puch*, uma divindade malévolas que presidia o submundo junto com sua consorte. Outros deuses eram: *Yum Cimil*, *Senhor da Morte* e *Cizin* (nome relacionado à praga dos cadáveres). Esses deuses eram associados ao sul e à cor amarela, e seus companheiros eram o cão e a coruja. (SOLANA, 1991, p.65-66)

<sup>18</sup> “Deus mau e negativo cuja presença é sempre um mau presságio, uma parábola de destruição, escassez, fome e todos os tipos de deficiências dolorosas.”

A conquista do território mexicano pela coroa espanhola entre 1519 e 1521, liderada por Hernán Cortés, ocorreu em alguns casos com a ajuda de outras populações indígenas da região que sofriam repreensões por ordem do governo Asteca e contribuíram com a conquista espanhola em *Tenochtitlán*. É mencionado que a tomada do poder Asteca por Hernán Cortés registrou muitas mortes por parte da população indígena no território, por estarem em desvantagens em relação aos inimigos que traziam doenças, armas de fogo e técnicas mais elaboradas de guerra. Embora os espanhóis estivessem em menor número, Hernán Cortés elaborou táticas com as quais conseguiu estabelecer alianças com povos opositores ao império Asteca.<sup>19</sup>

Segundo Vaillant, o suposto propósito principal da Coroa Espanhola e da igreja era “[...] converter a população índia em cidadãos espanhóis com completos direitos cívicos. ” O empreendimento das autoridades quase teve sucesso por duas gerações até o rompimento do “[...] controle legislativo e os conquistadores brancos reduziram os índios a escravatura. ” (1944, p.251).

Durante os anos com a presença estrangeira na região, crenças do catolicismo foram impostas sobre a origem indígena da celebração (RUIZ, 2013, p.40). Entretanto, as tentativas de doutrina não tiveram tanto êxito, modificando apenas as datas comemorativas da origem cristã de “todos os santos” e dos “fieis defuntos”, aos dias 1 e 2 de novembro (ARAÚJO, BRAGA, 2018, p. 8).

Las sociedades imperiales de los Aztecas en México, desarrollaron culturalmente las festividades más importantes de este país, una de ellas se encuentra en el tradicional Día de los Muertos, que se celebra los días 01 y 02 de noviembre, esta celebración como la conocemos en la actualidad, surgió tras el encuentro de las civilizaciones americanas con los conquistadores europeos, y la implementación que estos hicieron de la religión católica, está siendo una de más importantes en el continente. Es así como esta es una celebración para aquellos muertos que tras superar el purgatorio se santificaron totalmente, obteniendo la visión beatífica y que ya gozan de la vida eterna en la presencia de Dios. (FERNÁNDEZ, p.2)<sup>20 21</sup>

---

<sup>19</sup> <https://humanidades.com/br/conquista-do-mexico/>

<sup>20</sup> <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/23125/2020castiblancobibian.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

<sup>21</sup> As sociedades imperiais dos Astecas no México desenvolveram culturalmente as festividades mais importantes deste país, uma delas é o tradicional Dia dos Mortos, que é comemorado nos dias 1 e 2 de novembro, esta celebração como a conhecemos hoje, surgiu após o encontro das civilizações americanas com os conquistadores europeus, e a implementação que estes fizeram da religião católica, está sendo uma das mais importantes do continente. Esta é uma celebração

Após a colonização europeia na região e suas tentativas de catequizar os povos ao catolicismo, algumas visões da crença passaram a fazer parte da cultura local.<sup>22</sup> Não somente as datas europeias se integraram à cultura, mas outros fundamentos da fé religiosa cristã se incorporaram aos costumes, como a visão da vida após a morte.

Conforme (Barros, 2007 apud Azevedo, et al., 2011-2013, p.6) a origem dos costumes e datas cristãs existe desde o século II, onde já se realizavam as rezas e visitas aos túmulos. No século IV começam as missas em reverência aos falecidos e a partir do século seguinte, as missas em memória aos mortos, e a dedicação de uma data própria.

Coincidentemente se menciona que os povos Celtas também já dedicavam o dia 1 de novembro aos falecidos (AZEVEDO, et al., 2011-2013, p.6).

## **1.6 Contos mexicanos populares sobre a morte**

Existem algumas narrativas muito populares no México que envolvem o tema morte, principalmente contada às crianças, um detalhe curioso de se analisar pois muitos contos infantis têm dificuldade de trabalhar e falar sobre o assunto. Um exemplo são as animações em que se comenta por um momento a partida de um falecido, mas não aprofunda o acontecimento. Cada cultura tem sua maneira de lidar com o tema: pessoal, cultural e temporal. Cada tempo e local tem o seu estilo e intenção.

Os contos mexicanos, para alguns são histórias de dormir e assustar; para outros são alertas para respeitar e conservar o legado. O roteiro em quase todas as narrativas é sempre igual, aqueles que duvidam ou desrespeitam o *Día de los Muertos* recebem punições, experiências sobrenaturais ocorrem até se conscientizarem da importância da reverência aos falecidos. Após as vivências

---

para os mortos que, após superar o purgatório, tornaram-se totalmente santificados, obtendo a visão beatífica e agora desfrutando da vida eterna na presença de Deus. (FERNANDEZ, p.2)

<sup>22</sup> <https://cnnspanol.cnn.com/2023/10/31/origen-historia-dia-muertos-mexico-por-que-se-celebra-orix>

com os mortos, nossos personagens retornam à vida comum, buscam honrá-los imediatamente antes que a celebração termine. Porém, os finais se resumem a se arreponderem. O desrespeito em cada conto é apresentado de uma forma diferente, em alguns até a intenção é julgada dependendo da história, como: aqueles que fazem pouco caso e preparam poucas oferendas, os que preferem trabalhar ao invés de se dedicar aos entes queridos e, em outros, até os que insultam a celebração e os falecidos (RUBIO, MARTÍNEZ, 2006, p. 95-110). A seguir, apresentamos um resumo de algumas dessas histórias de acordo com Sevilla (2006, p.114-120) que menciona cinco lendas: *El hombre que no puso ofrenda*, *El hombre que no respetó el día de difuntos*, *La fiesta de todos santos*, *El que no quiso poner ofrenda* e *El que no creia em todos santos*.<sup>23</sup>

O homem que não colocou oferenda (*El hombre que no puso ofrenda*) e o que não quis por oferenda (*El que no quiso poner ofrenda*): nessas duas narrativas apresenta-se protagonistas que desrespeitaram a data do dia dos mortos de alguma forma. O primeiro não quis celebrar, duvidando e zombando dos que acreditavam, até ir às montanhas e levar um susto dos falecidos que lhe cobravam as oferendas. Ao retornar para casa confirma a crença dos falecidos, alertando sobre o dever da celebração. No entanto, é punido com a morte porque não queria fazer o Dia de Todos os Santos.

O segundo personagem negligencia as oferendas de seus antepassados até ouvir seus falecidos pais lamentando o pouco que receberam comparado aos outros. Assim, o personagem ao chegar em casa tenta oferecer tamales, mas já era tarde demais, e ele é encontrado morto e o alimento que havia preparado servil para o próprio velório.

Em “O homem que não respeitou o dia dos mortos” (*El hombre que no respetó el día de difuntos*) conta-se que um homem não queria deixar de trabalhar por considerar uma perda de tempo as celebrações aos falecidos. Enquanto trabalhava, ouviu a voz de seus familiares já falecidos que clamavam pelas oferendas negadas. Imediatamente correu para casa e disse à sua mulher

---

<sup>23</sup> *O homem que não colocou oferenda, o homem que não respeitou o dia dos mortos, a festa de todos os santos, o que não quis por oferta e aquele que não acreditou em todos os santos.*

para preparar os alimentos enquanto descansava, mais tarde, quando foram acordá-lo, perceberam que já estava morto.

Em “A Festa de Todos Santos” (La fiesta de todos santos) durante a celebração, há algum tempo, um cavaleiro visitava cidades mencionando duvidar que as almas dos falecidos retornassem, dizendo não perder tempo com o assunto. Sua esposa, no entanto, menciona preparar algumas oferendas ao seu falecido pai e colocar no altar. Seu marido enquanto trabalhava ouviu barulhos de pessoas que cantarolavam e festejavam carregando cestas e presentes das ofertas que receberam. Logo se entristece ao se recordar de seus falecidos pais, ao observá-los passar em espírito, chamá-los e diz recompensá-los. Os pais dizem ser tarde demais, pois já estavam voltando, porém incentivam a fazer as oferendas e ir vê-los na manhã seguinte pois estariam lhe esperando. O cavaleiro retorna para casa e prepara uma maior oferenda, mas ao ir descansar no dia seguinte, é encontrado morto e os alimentos preparados aos pais foram comidos por aqueles que ajudaram no velório.

Aquele que não acreditava em Todos Santos (El que no creía en todos santos): Um homem se casa com uma viúva que herdou do falecido marido alguns bens: porcos, galinhas e perus. Na chegada do dia de Todos Santos ele menciona não preparar nenhuma oferenda com aqueles animais e não gastar nada para oferecer, dizendo não haver dinheiro com o qual comprar. Ao ir ao milharal, o homem ouve o falecido marido da esposa mencionar não ter recebido nada. O homem ao chegar em casa fala para a mulher ferver a água pois iriam preparar as oferendas aos falecidos. No dia seguinte, o homem é encontrado morto, embora tenha feito as ofertas. O conto ensina que não importa quão humilde sejam, as oferendas sempre devem ser colocadas no altar.

Se cuenta que hay algunas personas que no creen, dicen que los muertos no van a llegar, que ellos están muertos, que no son como nosotros que estamos vivos, que ya no existen. Pero sí existen porque cuando los patrones están rezando el aire está así nada más, simplemente sin aire, sin nada. Entonces, cuando ves ya pasó un aire

al lado de ti, es una sombra, y es que ellos están viniendo. (RUBIO, MARTÍNEZ, 2006, p. 99)<sup>24</sup>

Algumas pessoas seguem e acreditam fielmente nesses relatos, dizendo perceber as mudanças no ambiente e mensagens espirituais, como as visitas de animais, insetos, sonhos que informam sobre a presença dos falecidos entre eles. Percebemos que os temas envolvidos com a morte são algo muito presente desde os primórdios e continuam nos dias atuais. Existem muitas obras relacionadas por ser um assunto curioso e fascinante, existindo muitas possibilidades para se criar e refletir. Nossa análise é voltada a comparar duas animações cinematográficas: “Festa no Céu” (The Book of Life) e “Viva – A Vida é uma Festa” (Coco).

Os filmes apresentam romances que envolvem a cultura mexicana em suas tradições, especificamente desenvolvem os roteiros com base no *Día de los Muertos*.

Nas duas animações, reflete-se sobre o senso de família e de comunidade, demonstrando a importância de se preservar os valores. São narrativas ricas em diversidades e semelhanças, cada um apresenta um ângulo diferente sobre o mesmo tema, questões voltadas a tradições familiares, antepassados e suas bênçãos sobre a vida dos mais novos que questionam seguir ou não seguir os passos familiares.

---

<sup>24</sup> Dizem que há algumas pessoas que não acreditam, dizem que os mortos não vão voltar, que eles estão mortos, que não são como nós que estamos vivos, que eles não existem mais. Mas elas existem porque quando os chefes estão rezando o ar é assim mesmo, simplesmente sem ar, sem nada. Então, quando você vê uma brisa passando por você, é uma sombra, e isso significa que eles estão chegando. (RUBIO, MARTÍNEZ, 2006, p. 99)

## 2- Cultura e globalização

É importante ressaltar que, na atualidade, a influência das datas comemorativas de cada país vai muito além das tradições dos antepassados.

A globalização influencia o nosso conhecimento sobre o estrangeiro, principalmente com a internet e os meios midiáticos, o que traz muitas oportunidades e desafios para todos. Com a facilidade de informações existem muitos pontos negativos e positivos. Se analisarmos a influência na cultura percebemos que a divulgação de informações motiva a expansão, para os dois lados, tanto quem recebe quanto quem compartilha, pois com a proximidade cultural muitos costumes e tradições são adotados e modificados.

“Costumbres y tradiciones con caracteres lugareños o regionales que se han conservado sin contaminantes globalizados, ofrendas llenas de colorido a través de una entrañable y ancestral tradición, el culto a la Muerte.” (WHIZAR-LUGO, 2004, p.3).<sup>25</sup> A influência da globalização sobre a conservação de tradições em alguns lugares é mais forte do que podemos imaginar. Isso acontece por várias razões, principalmente econômicas. O *Día de los Muertos* no México vai além de uma tradição ancestral, é um produto com valor turístico e artístico e sofre a influência de outros países.

### **Halloween**

Uma outra comemoração muito famosa e próxima a data do *Día de los Muertos* é o *Halloween*, uma celebração de origem celta bastante popular nos países de língua inglesa que, aos poucos ganha mais espaço e influência no mundo, mas principalmente entre os mexicanos.

Em *Michoacan*, o *Halloween* foi introduzido por influência midiática estadunidenses do cinema e televisão, e também pelos imigrantes que voltam dos Estados Unidos e carregam esta tradição (RUIZ, 2013, p.44).

Existem muitas opiniões controversas sobre as diferenças e similaridades existentes entre essas datas. O *Halloween* é comemorado dia 31 de outubro e é conhecido por seus filmes, histórias, trajes e enfeites de terror. Também é uma

---

<sup>25</sup> “Costumes e tradições com características locais ou regionais que foram preservadas sem contaminantes globalizados, oferendas coloridas através de uma tradição cativante e ancestral, o culto à Morte.” (WHIZAR-LUGO, 2004, p.3).

data muito conhecida e usada em referências literárias relacionadas aos monstros.

Infelizmente, por falta de conhecimento e aprofundamento dessas tradições, muitas curiosidades estão ocultas e até sumindo, restando apenas registros superficiais de seus costumes que interferem em todo o significado pessoal e verdadeiro para esses povos. Conforme Luján (2006, p.37) a comercialização dessas datas é um dos maiores fatores que contribuem para o distanciamento do conhecimento sobre a origem das comemorações, pelos motivos de seu maior destaque e representação estar em grandes festas. Ele também menciona a influência do *Halloween* por contribuir, confundir e modificar os costumes de Todos Santos e o *Día de los Muertos*.

Las celebraciones de Todos Santos y Fieles Difuntos han sido fiesta de guardar en el mundo católico, pero los intelectuales mexicanos las volvieron mexicas y prehispánicas, y los antropólogos se lo han creído. Sabemos que la cultura se reinventa cada día y hoy Halloween es parte de nuestras celebraciones, pues hemos pasado a ser el traspaso de Estados Unidos, aunque ya desde 1930 en el centro de México el altar de muertos y el adorno de los panteones desde 1860 son expresiones de nuestro pueblo. Algunas veces creemos que las tradiciones son ancestrales, pero nos damos cuenta de que no es verdad. Hoy tratamos de poner en su lugar y su tiempo algunas tradiciones de nuestro pueblo declaradas Patrimonio Intangible de la Humanidad. (MALVIDO, 2006, p.54)<sup>26</sup>

Na citação de Malvido (2006, p.54) vemos um exemplo das informações sobre o pertencimento das tradições. Com base em registros, domínios políticos, crenças e a globalização, fica mais difícil de identificar e cessar as dúvidas das origens por ser uma cultura que recebe e recebeu influências estrangeiras, além da cultura ser algo que tem vida, se reinventa a cada instante com base em seus contextos. O *Halloween* modificou alguns do *Día de los Muertos*, como explica Ruiz:

Cabe decir que en Uruapan, y en general en Michoacán, tampoco era común la fiesta de *Halloween*, la cual fue ganando popularidad por

---

<sup>26</sup> As celebrações de Todos os Santos e Finados eram um feriado no mundo católico, mas os intelectuais mexicanos as transformaram em celebrações mexicas e pré-hispânicas, e os antropólogos acreditaram nisso. Sabemos que a cultura se reinventa a cada dia e hoje o Halloween faz parte de nossas comemorações, já que nos tornamos o quintal dos Estados Unidos, embora desde 1930 no centro do México o altar dos mortos e a decoração dos cemitérios desde 1860 sejam expressões do nosso povo. Às vezes acreditamos que as tradições são antigas, mas percebemos que isso não é verdade. Hoje tentamos colocar em seu lugar e tempo algumas tradições do nosso povo declaradas Patrimônio Imaterial da Humanidade. (MALVIDO, 2006, p.54)

influjo del cine y la televisión, lo mismo que por la influencia de los trabajadores inmigrantes que regresaban de Estados Unidos. Como recuerda Catarina, una querida amiga, “fue el 2 de noviembre de 1972 cuando en Janitzio nos encontramos con que el gobierno del estado había puesto lámparas en el panteón para que los turistas pudieran filmar”. Esto fue el inicio de una intensa promoción turística de esta celebración indígena. (RUIZ, 2013, p.44)<sup>27</sup>

O desenvolvimento turístico no México que, por um lado, contribui economicamente, para o país cria-se por outros padrões de comercialização sobre atividades que antigamente estavam mais associadas ao cuidado de realizar e preparar suas próprias oferendas conforme cada família. Um padrão preestabelecido pelo mercado, passa a ser seguido aumentando o consumismo e a descentralização sobre o real propósito da prática.

En el contexto michoacano, que nos muestra la parte negativa y las amenazas que puede representar el turismo realizado fuera de todo principio de sustentabilidad, es de lamentar la falta de indicadores de gestión que permitan formalmente medir los impactos nocivos y generar una toma de decisiones integral para diseñar políticas de respuesta y salvaguardar la tradición cultural que propicie un turismo moderado, que beneficie más a todos (población local, turistas culturales, prestadores de servicios éticos, autoridades locales, artesanos tradicionales, etc.) y no sólo a unos cuantos (comerciantes ambulantes, vendedores de comida y de alcohol, vendedores de supuesta artesanía ajena a la tradición cultural del estado y del país en muchas ocasiones). (Pardo, 2006, p.128)<sup>28</sup>

A divulgação da tradição mexicana nos meios de comunicação, atrai turistas para assistir às celebrações. Muitas cidades, escolas, praças, etc são enfeitadas com ajuda da prefeitura para tornar a celebração mais especial, como lugares dedicados a artistas que já faleceram e são um símbolo para o México: Frida Kahlo, Diego Rivera, José Guadalupe Posada, Octavio Paz, etc. O que é

---

<sup>27</sup> Vale dizer que em Uruapan, e em Michoacán em geral, a festa de Halloween também não era comum, mas estava ganhando popularidade devido à influência do cinema e da televisão, bem como à influência dos trabalhadores imigrantes que retornavam dos Estados Unidos. Como Catarina, uma querida amiga, relembra: “Foi no dia 2 de novembro de 1972, quando em Janitzio descobrimos que o governo estadual havia colocado lâmpadas no cemitério para que os turistas pudessem filmar”. Este foi o início de uma intensa promoção turística desta celebração indígena. (RUIZ, 2013, p.44)

<sup>28</sup> No contexto michoacano, que nos mostra o lado negativo e as ameaças que o turismo realizado fora de qualquer princípio de sustentabilidade pode representar, é lamentável a falta de indicadores de gestão que permitam mensurar formalmente os impactos nocivos e gerar uma tomada de decisão integral para elaborar políticas de resposta e salvaguardar a tradição cultural que promova o turismo moderado, que beneficia mais a todos (população local, turistas culturais, prestadores de serviços éticos, autoridades locais, artesãos tradicionais, etc.) e não apenas a alguns (vendedores ambulantes, vendedores de comida e álcool, vendedores de supostos artesanatos muitas vezes estranhos à tradição cultural do estado e do país). (Pardo, 2006, p.128)

muito bom e necessário para se honrar e elevar um povo, acaba se tornando uma prática capitalista.

### **Disney e a compra do Día de los Muertos**

Os estúdios Disney são um exemplo de uso das tradições de povos de diversos lugares para fins lucrativos.

Uma notícia que recebeu muito destaque sobre o tema foi a tentativa de comprar o *Día de los Muertos*. Além do último lançamento já mencionado na pesquisa como o filme *Viva – A Vida é uma Festa* que foi um sucesso.

Por último, vale decir que la tentación de expropiar la celebración de los muertos para su comercialización mundial se reveló con el intento de Disney por registrar el Día de Muertos como marca (“Retira Disney...”: 2013). Con todo lo dicho, sirva este breve ensayo para motivar la reflexión sobre los resultados paradójicos y contradictorios de la convención de 2003 para la salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial. (RUIZ, 2013, p.51)<sup>29</sup>

Várias manchetes com o tema “Disney tenta comprar o dia de los muertos” foram divulgadas e, como era de se esperar, causaram revolta. A comunidade Mexicana reagiu enfurecida e depois da repercussão negativa, a Disney se desculpou e voltou atrás.

### **UNESCO e a preservação do Día de los Muertos**

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura é conhecida por ser uma agência da ONU que contribui para a segurança e a preservação cultural de comunidades. Tendo um papel de proteger e motivar a diversidade das comunidades para fortalecer e preservar as manifestações culturais.

Enmarca esta edición la declaratoria que la UNESCO realizó en 2003 sobre la festividad indígena dedicada a los muertos en México como Obra Maestra del Patrimonio Oral e Intangible de la Humanidad que nos invita no sólo a conocer y divulgar los valores culturales de esta tradición, sino también a insistir en la necesidad de fortalecer políticas públicas para contribuir en la preservación del patrimonio cultural

---

<sup>29</sup> Por fim, vale dizer que a tentação de expropriar a celebração dos mortos para comercialização global foi revelada com a tentativa da Disney de registrar o Dia dos Mortos como marca registrada (“Disney retira...”: 2013). Dito isto, este breve ensaio serve para motivar a reflexão sobre os resultados paradoxais e contraditórios da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003. (RUIZ, 2013, p.51)

inmaterial de las culturas que conforman la nación mexicana. (CONACULTA, 2006, p.9-10)<sup>30</sup>

Segundo Conaculta (2006, p.9-10) em 2003 a UNESCO declarou que o festival dedicado aos mortos no México é uma Obra-prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade. O objetivo é divulgar a cultura mexicana para conhecer as origens ancestrais da comunidade, assim contribuindo com a preservação da tradição: *la cultura está viva y en evolución, ya que se transmite de una generación a otra; y que el concepto de salvaguardia incluye medidas encaminadas a garantizar la viabilidad del patrimonio cultural inmaterial* (RUIZ, 2013, p.41).<sup>31</sup> Esta iniciativa de afirmar que a cultura é viva, visa proteger as heranças culturais.

O uso do termo ‘a cultura é viva’ vem da interpretação que existem estímulos que moldam costumes, dependendo da constância desses elementos e o impacto que tem aos indivíduos em um período, se cria um movimento que influencia um novo padrão. A cultura nesse exemplo demonstra que a celebração dos mortos está viva e por existir possui vertentes; logo em um futuro distante ou próximo, uma nova forma pode ser estruturada. Um exemplo são os símbolos do *Halloween* no *Día de los Muertos*, pois as atividades que antes eram manuseadas pelas próprias famílias aos falecidos estão sendo adaptadas e substituídas pela compra desses utensílios já feitos no mercado, assim um novo padrão surge sobre a tradição.

Y si bien el discurso de la unesco reconoce la diversidad de expresiones en torno al Día de Muertos, no distingue con claridad lo que ha sido la ceremonia ritual indígena –con un fuerte simbolismo mesoamericano y elementos católicos– respecto a lo que es la celebración de todos santos y fieles difuntos entre los no indígenas, y que se ejerce desde una matriz fuertemente católica e incluso en oposición y confrontación con la indígena. (RUIZ, 2013, p. 49)<sup>32</sup>

---

<sup>30</sup> Esta edição está enquadrada na declaração que a UNESCO fez em 2003 sobre a festa indígena dedicada aos mortos no México como Obra-prima do Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade, que nos convida não apenas a conhecer e difundir os valores culturais desta tradição, mas também a insistir na necessidade de fortalecer as políticas públicas para contribuir com a preservação do patrimônio cultural imaterial das culturas que compõem a nação mexicana. (CONACULTA, 2006, p.9-10)

<sup>31</sup> A cultura está viva e evolui à medida que é transmitida de uma geração para outra; e que o conceito de salvaguarda inclui medidas que visam assegurar a viabilidade do patrimônio cultural imaterial (RUIZ, 2013, p.41).

<sup>32</sup> E embora o discurso da UNESCO reconheça a diversidade de expressões que cercam o Dia dos Mortos, ele não distingue claramente entre a cerimônia ritual indígena – com forte simbolismo mesoamericano e elementos católicos – e a celebração de Todos os Santos e dos fiéis defuntos

Ruiz segue mencionando os conflitos das diversidades de expressões sobre o *Día de los Muertos* em sua comunidade, destacando as oposições e confrontos às tradições indígenas, apresentando a realidade dividida no México (2013, p. 49). A importância de diferenciar e perceber as peculiaridades de cada grupo e família é muito importante, pois muitos descendentes indígenas não seguem as origens dos seus ancestrais, mas a fé cristã que veio da Europa. Que influenciou em um movimento artístico aos símbolos críticos sociais aqueles que renegavam suas origens para adotar costumes europeus: *Garbanceros*.<sup>33</sup> Se analisarmos essa informação cuidadosamente abrangemos o conhecimento que possuímos pelos meios de comunicação de massa, que difundem os modos de vida para diferenciar e reconhecer a realidade cultural que é diversa e muitas vezes não respeitada.

Otro elemento a su favor es la reactivación de la economía local por la vía del impulso a la producción y el comercio. Resulta discutible, en cambio, que en tales sucesos importe más la dimensión comercial que la cultural e identitaria, y que el uso del patrimonio indígena para los mismos –concursos de altares, por ejemplo– casi nunca incluya la participación de los indígenas ni demuestre la preocupación por construir espacios educativos y de política pública encaminados a eliminar el racismo, la discriminación y las relaciones de explotación a que están sometidos. (RUIZ, 2013, p.51)<sup>34</sup>

A omissão dos conflitos está relacionada aos interesses econômicos de dimensão comercial do que cultural, assim promovendo mais eventos e atividades turísticas das quais a participação de povos indígenas é pequena, influenciando em uma falsa inclusão e pertencimento, mas promovendo a discriminação e o distanciamento das comunidades indígenas. Ruiz (2013, p.51) continua mencionando a necessidade de reavaliar até que ponto o

---

entre os povos não indígenas, que é realizada a partir de uma matriz fortemente católica e até mesmo em oposição e confronto com a indígena. (RUIZ, 2013, p. 49)

<sup>33</sup> <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/11/conheca-la-catrina-o-esqueleto-que-e-simbolo-do-dia-dos-mortos-no-mexico>

<sup>34</sup> Outro elemento a seu favor é a reativação da economia local por meio do aumento da produção e do comércio. É discutível, no entanto, que em tais eventos a dimensão comercial seja mais importante do que a cultural e identitária, e que o uso do patrimônio indígena para esses eventos – concursos de altares, por exemplo – quase nunca contemple a participação dos indígenas ou demonstre preocupação com a construção de espaços educacionais e de políticas públicas que visem eliminar o racismo, a discriminação e as relações de exploração a que são submetidos. (RUIZ, 2013, p.51)

reconhecimento das comunidades indígenas está sendo atendido, e repensar em outras formas de incluir e fortalecer a autonomia dessas comunidades a seus modos de viver.

### **3- Metodologia**

O presente trabalho possui natureza qualitativa com base bibliográfica e análise filmica, pois visa analisar as percepções sobre o dia dos mortos de acordo com os estudos apresentados sobre a tradição mexicana.

O objetivo geral deste estudo foi analisar as representações do *Día dos Mortos* nas duas animações: 1ª) Festa no Céu (2014) e 2ª) “Viva – A vida é uma Festa” (2017) investigando como essas produções traduzem e reinterpretam elementos culturais dentro do contexto histórico sobre esse tema. Partimos da pergunta se os costumes e características dessa celebração haviam sido respeitados nas duas obras e quais aspectos foram representados. Os objetivos específicos foram examinar como os filmes e as representações narrativas da celebração se desenvolveram nos aspectos culturais. Avaliando de que forma essas produções respeitaram e ressignificaram a tradição.

Para isso, procedemos a uma longa pesquisa bibliográfica para compreender sobre os povos ancestrais mexicanos e os símbolos referentes à data do *Día de los Muertos*. Os recursos utilizados foram os artigos acadêmicos, livros e entrevistas dos diretores e roteiristas dos filmes para contextualizar o interesse por trás das adaptações cinematográficas.

Paralelamente à pesquisa bibliográfica, assistimos os dois filmes várias vezes e fizemos pequenas anotações, focando nas impressões de elementos visuais e narrativos importantes aos símbolos esqueléticos das caveiras representadas, as flores de *cempasúchil* que são muito utilizadas durante a celebração para guiar os falecidos é apresentada nas vestes e cenários dos altares aos falecidos com o mesmo propósito, os nomes dos deuses (*Ah Puch*, *Mictlantecuhtli* e *Mictlancihuatl*) que possuem influencia a estética associada aos personagens assim como os lugares retratados ao submundo (Xibalba e Mictlán) da crença Maia e Asteca, entre outros pontos que compõem a representação da festividade nas obras selecionadas.

Além disso, pesquisamos sobre possíveis influências de outros países, consultando sites, vídeos, podcasts, entre outros, sobre o assunto. O estudo procedeu a relacionar essas informações a reforçando a necessidade de um olhar crítico ao lidar com representações culturais em produções midiáticas.

#### 4- Análise dos filmes

O *Día de los Muertos* é uma data que combina as cores vibrantes das flores de *cempasúchil* que são muito conhecidas e usadas durante a época para decorar a celebração, assim como as caveiras que segundo as crenças ancestrais representam a continuidade da vida após a morte. Nos dois filmes analisados, essa simbologia das flores e das caveiras são traduzidas visualmente por meio dos figurinos, objetos e aos propósitos da crença no roteiro: os altares dos falecidos decorados com as flores e caveiras para guiá-los até em casa. Outras referências que apresentam os símbolos das caveiras (*calaveras*) é a deusa Catrina de *Festa no Céu* que possui referência a *Caveira Garbancera de José Guadalupe Posada*<sup>35</sup>, que surgiu como uma crítica àqueles que negavam suas origens e mais tarde foi retratada e renomeada por Diego Rivera. O deus Xibalba em *Festa no céu* também possui referências à cultura tradicional, Maia. Assim como o senso de comunidade e preservação das tradições que foi mencionado nos contos populares mexicanos, ressaltando a importância de honrar os falecidos que se interliga ao roteiro de *Viva – A Vida é uma Festa* e *Festa no Céu*.

As resenhas disponíveis na internet mencionam que a representação do *Día de los Muertos* em: *Viva – A Vida é uma Festa* e *Festa no Céu* leva a inspirar os espectadores a refletir e terem um maior contato e conhecimento sobre a cultura Mexicana, com uma abordagem diferente sobre tema "morte" que não é muito discutido e apresentado nas animações do ocidente, uma nova reflexão sobre algo tão presente e comum do ciclo da vida.

---

<sup>35</sup> <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/11/conheca-la-catrina-o-esqueleto-que-esimbolo-do-dia-dos-mortos-no-mexico>

Segundo o site Rotten Tomatoes,<sup>36</sup> as reações do público foram boas, principalmente dos mexicanos, por retratarem sua cultura com cuidado e estudo da tradição. Parte dos comentários estão relacionados a estrangeiros que gostaram muito das narrativas para conhecer mais sobre o dia dos mortos. Alguns até citam como filmes do tipo influenciam politicamente a visão deles sobre outras culturas, especificamente à época que os filmes estrearam, existia uma briga política nos EUA sobre imigrações, principalmente a proposta de levantar muros para separar o México dos EUA. Com a volta do presidente Trump neste ano, a situação volta a se complicar outra vez.

O filme *Viva – A Vida é uma Festa* da Disney provavelmente pelo poder de divulgação da empresa fez mais sucesso a *Festa no Céu* que recebeu muitos elogios, principalmente pelos efeitos estéticos da tecnologia visual, porém o número de críticas a falta de exploração do roteiro foi alto.

Por trabalharem temas semelhantes e coincidentemente em épocas muito próximas, muitos disseram que *Viva – A Vida é uma Festa* seria uma cópia de *Festa no Céu*.

Nos dois filmes a narrativa aborda a música como um fator de conflito e desenvolvimento, motivo para dilemas nos quais o personagem principal precisa escolher entre seguir seus sonhos ou as tradições familiares.

A narrativa dos dois filmes apresenta temas musicais que estão relacionados ao desenvolvimento pessoal dos personagens, ao mesmo tempo explorando questionamentos culturais; a identidade pessoal e as expectativas familiares sobre as tradições.

#### **4.1 “Festa no Céu” – (The Book of Life)**

O filme *Festa no Céu* (*The Book of Life*) foi lançado em 2014, dirigido por Jorge R. Gutiérrez e produzido por 20th Century Fox Animation, Reel FX Animation Studios e Chatrone. O enredo conta a história de três amigos que têm os destinos entrelaçados a uma aposta feita por dois deuses. Manolo, Joaquim e Maria são amigos desde a infância. Os deuses *Xibalba* e *Catrina* observam de

---

<sup>36</sup> [https://www.rottentomatoes.com/m/the\\_book\\_of\\_life\\_2014/reviews](https://www.rottentomatoes.com/m/the_book_of_life_2014/reviews)

longe o desenvolvimento da amizade e sugerem entre eles uma aposta sobre qual dos rapazes conquistaria a mão de Maria no futuro.



Figura 1 – Maria, Joaquim e Manolo em Festa no Céu

No decorrer da história, cada um dos amigos segue seus caminhos separados, cada um com seus dilemas e experiências. Antes do desenvolvimento deles, porém, quando ainda eram crianças, na noite dos mortos em que a aposta entre os deuses foi lançada, *Xibalba* e *Catrina* vão até os meninos fazer uma oferta. *Catrina* se disfarça de uma senhora e pede um pedaço de pão a *Manolo* que a ajuda sem exitar, demonstrando que a generosidade é um dos valores importantes passados pelos familiares. *Catrina* segue disfarçada e certa de que fez uma boa escolha, abençoando o menino com um coração puro e corajoso.

Em outro canto da história, no mesmo momento, *Xibalba* se disfarça de um senhor e vai até *Joaquim*, porém com intenções misteriosas. Ele pede um pouco de alimento da oferenda que pertencia ao pai de *Joaquim* e o menino se recusa a dar justificando pertencer ao falecido. *Xibalba* sugere uma troca do alimento por um amuleto mágico que lhe protegeria das adversidades. *Joaquim* aceita a oferta e assim começa a aposta entre os dois deuses.



Figura 2 – Xibalba e Catrina em Festa no Céu

De acordo com alguns registros, os desenhistas e roteiristas estudaram e buscaram referências à cultura para retratá-la o máximo possível. Segundo o site<sup>37</sup>, a criação das ideias para os personagens de madeira: Manolo, Maria e Joaquim em *Festa no Céu* veio de figuras de madeiras esculpidas à mão da cultura artística mexicana. Seus trajes e formatos foram elaborados e bem desenvolvidos aos papéis e mensagens que queriam passar a cada personagem com base em figuras conhecidas.

O Sr. Gutierrez viu Joaquin, dublado por Channing Tatum, como uma espécie de príncipe mexicano. Ele pesquisou roupas na década de 1910 e descobriu que havia uma obsessão pela Europa na alta sociedade mexicana da época. Ele incorporou isso ao design de suas roupas, com um top azul-royal e uma capa vermelha.<sup>38</sup>

Outro exemplo<sup>39</sup> é visto na personagem Maria com sua saia que é baseada em um design tradicional e folclórico mexicano. Manolo, outro personagem aos toureiros e mariachis, e Joaquim as características europeias da década de 1910. Assim como as músicas, o idioma espanhol e uma grande

<sup>37</sup> <https://www.nytimes.com/2014/10/19/movies/jorge-r-gutierrez-talks-about-his-film-the-book-of-life.html>,

<sup>38</sup> <https://www.nytimes.com/2014/10/19/movies/jorge-r-gutierrez-talks-about-his-film-the-book-of-life.html#>

<sup>39</sup> <https://www.miaminewtimes.com/arts/guillermo-del-toro-on-the-book-of-life-this-film-is-unapologetically-latin-and-mexican-6492046>

presença de atores e diretores latinos: Jorge R. Gutierrez, Guillermo del Toro, Diego Luna, Kate del Castillo, entre outros.

Algumas curiosidades do filme *Festa no Céu* estão nos nomes utilizados para os deuses, mas principalmente suas características físicas e psicológicas refletem um histórico da cultura mexicana. O personagem *Xibalba* recebe o nome do submundo para os Maias. No filme ele é quem governa a Terra dos Esquecidos, aqueles que ninguém recorda no *Día de los Muertos*. A personagem *Catrina* se assemelha à deusa Asteca que morava no submundo com seu marido, conhecida como “Dama de la Muerte”. A Terra dos Esquecidos, que é governada por *Xibalba* na animação, é simultaneamente similar à nona camada chamada *Xibalba* e *Mictlan*, descritas pelos Maias e Astecas que acreditavam ser o mundo dos governantes dos mortos.

#### 4.1.1 Catrina

Por séculos os *Mexicas* usavam as *calaveras* para honrar seus antepassados, o que se continua até os dias atuais através de maquiagens, doces, pães e decorações registradas com o símbolo de caveiras. Muito tempo atrás, os crânios dos falecidos eram guardados por armazenarem as memórias da pessoa.

Com o tempo, esse costume passou por mudanças e renovações<sup>40</sup>. Os crânios foram substituídos pelas maquiagens assim como as outras representações de *calaveras*, como os doces em formato de caveiras, pão dos mortos, etc.

Na **Festa dos Mortos**, era costume das famílias “tradicionalistas” **guardar os Crânios de entes queridos que haviam falecido**, pintando-os com diversas cores e os enfeitando com flores, pois acreditavam que lá se guardavam as memórias, e assim poderiam ter eternamente a energia e essência daquela pessoa.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> <https://medium.com/@sitecaveiramexicana/o-que-significa-maquiagem-de-caveira-mexicana-f7b27db2118b#:~:text=A%20maquiagem%20de%20caveira%20mexicana,caldeir%C3%A3o%20cultural%20do%20povo%20mexicano>

<sup>41</sup> [https://caveira-roots.com/blogs/blog-caveira-roots/caveira-mexicana-significado?srsId=AfmBOorK1M\\_-w5sfgYTDwa72UiyBBBFAZDPcMEMi5mGyNFdDYu6vi6HM](https://caveira-roots.com/blogs/blog-caveira-roots/caveira-mexicana-significado?srsId=AfmBOorK1M_-w5sfgYTDwa72UiyBBBFAZDPcMEMi5mGyNFdDYu6vi6HM)

Segundo a fonte mencionada anteriormente, as famílias mais tradicionais até um tempo atrás possuíam o costume de guardar e decorar os crânios dos falecidos com flores e maquiagem para deixar nos altares, assim demonstrando a substituição dos costumes até a caracterização dos familiares para homenagear os falecidos. As famosas *Calaveras Dulces* (Caveirinhas de Açúcar) têm origem no Oriente Médio e foram trazidas para o México pelos europeus que haviam copiado a ideia.

Os povos pré-colombianos tinham também o costume de guardar os crânios dos seus mortos e consideravam o crânio a parte mais importante do corpo, pois nele ficavam guardadas as memórias. (ARAÚJO, BRAGA, 2018, p.7)

Catrina, como é conhecida a figura que representa a morte, possui muitas curiosidades históricas relacionadas a sua representação icônica na cultura mexicana. Ela nasceu como um símbolo de crítica social, uma sátira política dos artistas às desigualdades e injustiças sociais que existiam.

Antes de se chamar Catrina, foi criada a personagem *La Calavera Garbancera*, em 1910, pelo ilustrador e cartunista José Guadalupe Posada. A Caveira Garbancera se referia a pessoas que esqueceram todas as suas origens indígenas mexicanas para adotar costumes europeus, principalmente franceses. Por isso a referência estética da personagem de Posada consiste no esqueleto usando um chapéu enfeitado em estilo francês (figura 3).

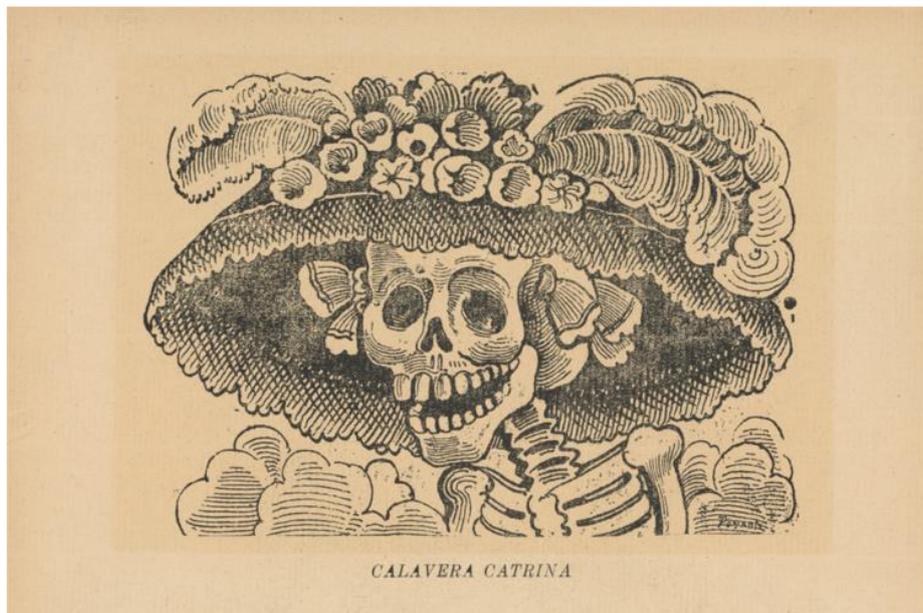


Figura 3 – A Caveira Garbancera de José Guadalupe Posada

Ainda segundo o mesmo documento do governo mexicano, "garbancera" era a palavra destinada a pessoas que ainda possuíam origem indígena, mas renegavam essa ancestralidade, e as quais vendiam, no passado, grão-de-bico (que se chama garbanzo, em espanhol) e não milho, cereal típico mexicano, como forma de parecerem "mais europeus".<sup>42</sup>

O desenhista, que gravava suas obras em metal, deu os primeiros passos e traços para um dos símbolos mais conhecidos e importantes para o *Día de los Muertos*. Nascido em 2 de fevereiro de 1852 e falecido em 20 de janeiro de 1913, Posada era um influenciador político em suas produções artísticas usando ossos e crânios para propor críticas sociais através da sátira.

Posada popularizou as caveiras em suas obras utilizando cenários em que os esqueletos vestiam roupas nobres para dizer que a morte era democrática, onde no final todos terminam iguais como caveiras.

Este estilo fue promovido sobre todo al final del siglo XIX por José Guadalupe Posada, para apoyar el sentimiento popular en la situación política en México, usando el tono de burla contra representantes del gobierno y las clases en poder. También se popularizó el uso de panfletos impresos y el dibujo tan famoso de la catrina (esqueleto) en múltiples formas.<sup>43 44</sup>

Também havia as *Calaveras Literárias* que ironizavam e criticavam a vida e a morte e as maneiras de viver dos mexicanos. As *Caveiras Literárias* eram poesias populares dedicadas às reflexões pessoais e sociais da vida e da morte.

A imagem que conhecemos nos dias atuais é uma representação do artista Diego Rivera da *Caveira Garbancera* que a tornou mais popular a partir de 1947 ao renomeá-la como *La Catrina*. Desenvolvendo um traje a personagem que enriquecia a personalidade a representação cultural que possuía. O nome escolhido por Rivera veio da influência do termo *catrín*, de origem mexicana, que descreve uma pessoa elegante e bem vestida. À época, Rivera remetia aos

---

<sup>42</sup> <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/11/conheca-la-catrina-o-esqueleto-que-e-simbolo-do-dia-dos-mortos-no-mexico>

<sup>43</sup> <https://poetryofremembrance.com/calaveras-literarias/>

<sup>44</sup> Este estilo foi promovido especialmente no final do século XIX por José Guadalupe Posada, para apoiar o sentimento popular na situação política do México, usando um tom de zombaria contra representantes do governo e das classes dominantes. O uso de panfletos impressos e o famoso desenho da catrina (esqueleto) em múltiplas formas também se tornaram populares.

costumes comuns da aristocracia mexicana e a personagem acabou se transformando em um dos maiores símbolos ao *Día de los Muertos*.<sup>45</sup>



Figura 4 – Diego Rivera – “Sueño de una tarde dominical en la Alameda”

A maquiagem de Catrina é um marco para as celebrações para o *Día de los Muertos*, muitas pessoas se inspiraram nessa personagem durante as cerimônias. Segundo o site<sup>47</sup>, a figura está relacionada às oportunidades de celebrações para honrar os mortos, como um registro histórico das misturas culturais indígenas e europeias que, juntas, influenciaram as características marcantes de Catrina.

Catrina é mencionada na animação como “la muerte”. Ela possui um grande sombrero com vários detalhes: caveiras, velas, flores de *cempasúchil*, assim como suas vestes. Ela possui uma maquiagem que se destaca e combina harmoniosamente com o todo. A personagem ama apostas, por isso não hesitou em participar mesmo já tendo sido enganada por *Xibalba* antes.

<sup>45</sup> <https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/11/conheca-la-catrina-o-esqueleto-que-e-simbolo-do-dia-dos-mortos-no-mexico>

<sup>46</sup> <https://medium.com/@sitecaveiramexicana/o-que-significa-maquiagem-de-caveira-mexicana-f7b27db2118b#:~:text=A%20maquiagem%20de%20caveira%20mexicana,caldeir%C3%A3o%20cultural%20do%20povo%20mexicano>

<sup>47</sup> <https://medium.com/@sitecaveiramexicana/o-que-significa-maquiagem-de-caveira-mexicana-f7b27db2118b#:~:text=A%20maquiagem%20de%20caveira%20mexicana,caldeir%C3%A3o%20cultural%20do%20povo%20mexicano>



Figura 5 – *Catrina em Festa no Céu*

Assim como suas características e histórias foram sendo alteradas com os anos, o costume não era só pintar os rostos, mas guardar os crânios dos falecidos e decorá-los para usar em seus altares.

#### 4.1.2 Xibalba



Figura 6 – *Xibalba em Festa no Céu*

*Xibalba* é representado e mencionado como uma criatura repugnante e astuta no enredo da animação. Destacando suas vestes escuras, cores enigmáticas e formatos pontiagudos para sinalizar perigo e cuidado ao se

aproximar. O personagem vive pregando peças e se intrometendo na vida das pessoas vivas, entediado em governar o submundo propõem uma proposta a Catrina, uma aposta da qual estava disposta a fazer de tudo, até trapacear (como sempre, é mencionado suas ações duvidosas e repetitivas) para ganhar a todo custo.

Para os Maias o submundo se chamava *Xibalba* que segundo o site<sup>48</sup>, significa “lugar de medo ou susto”, um lugar governado pelos deuses que lá moravam, conhecidos como deuses da morte que levavam caos e angústias as pessoas que viviam na superfície, pregando peças e espalhando doenças. Os Maias acreditavam que *Xibalba* era um lugar horrível e desafiador, onde todos aqueles que não tiveram uma morte violenta teriam que passar por provações e poucos sobreviviam. Um dos portais que levava ao submundo mencionado pelos Maias era através de sumidouros de água doce/cenotes e uma caverna localizada na costa oeste da península de *Yucatán*, considerando a superfície terrena como o primeiro nível dos nove de *Xibalba*.

Os mortos eram geralmente enterrados com armas e ferramentas para ajudá-los a superar os testes aparentemente intransponíveis do deus. Milho, um símbolo de renascimento, era colocado em suas bocas para nutrição, e jade pagava o caminho para a jornada ao submundo.<sup>49</sup>

Descrito como uma grande área montanhosa, rios e casas dedicadas aos mortos para serem testados, os familiares costumavam enterrar os falecidos preparando-os para as nove provações em *Xibalba*; equipando-os com armas, ferramentas e alimentos, especificamente milho por ter um significado espiritual de regeneração. Os Maias acreditavam que os governantes de *Xibalba* eram presunçosos e gostavam de pregar armadilhas naqueles que consideravam inferiores. No total eram 12 deuses, mas, deles, dois eram os principais: *Hun-Came* (“Uma Morte”) e *Vucub-Came* (“Sete Mortes”). Os falecidos tinham que passar por testes morais e obstáculos criados pelos próprios deuses.

As tribulações do suplicante começavam na rota para *Xibalba*, onde eles precisavam primeiro cruzar um rio de escorpiões, um rio de

---

<sup>48</sup> [https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google\\_vignette](https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google_vignette)

<sup>49</sup> [https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google\\_vignette](https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google_vignette)

sangue e um rio de pus! Depois disso, eles eram submetidos a testes impossíveis, como sobreviver a uma casa de onças, ser atacado por lâminas mortais e giratórias ou ser submetido a fogo implacável!<sup>50</sup>

Uma cena do filme *Festa no Céu* para representar essas adversidades criadas pelos deuses em seus testes ao submundo está quando Manolo vai até à Terra dos Esquecidos e é testado com desafios físicos, mas especificamente morais sobre quem diz ser para conquistar seu objetivo.



Figura 7 – Manolo em Festa no Céu

Segundo outras fontes e o aprofundamento das crenças cíclicas dos Maias sobre a vida e a morte, *Xibalba* é visto também como um lugar de transformação e renascimento dos mortos a uma elevação espiritual para deixarem os fardos terrenos e se prepararem para a próxima fase.<sup>51</sup>

#### 4.2 “Viva – A Vida é uma Festa” – (Coco)

O filme mais recente conhecido por *Viva – A Vida é uma Festa (Coco)* de 2017, é uma parceria entre Disney e Pixar. A animação conta a história de Miguel que tem um grande sonho de ser músico, mas não possui a benção familiar para

<sup>50</sup> [https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google\\_vignette](https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google_vignette)

<sup>51</sup> <https://mythologyworldwide.com/mayan-mythology-and-the-underworld-navigating-xibalba/>

realizá-lo. A família possuía um rancor muito grande aos músicos, o que justifica sua indiferença. No *Día de los Muertos*, Miguel se revolta e desrespeita os familiares e tem uma experiência sobrenatural onde deixa de habitar o mundo dos vivos. Tentando retornar ao mundo que lhe pertence, conhece Héctor, um dos falecidos que está quase sendo esquecido, logo deixando de existir no mundo dos mortos também. A trama conta que quando alguém não é honrado ou esquecido por sua família viva, aos poucos o falecido do outro lado passa a sofrer consequências até sumir completamente. Miguel e Héctor compartilham muitas experiências, mas principalmente os laços de comunidade para aqueles que vivem em outro plano.

Nesse filme, a representação da morte como um personagem não acontece, a ênfase é o *Día de los Muertos*, diferente da primeira animação mencionada *Festa no Céu*. O segundo filme é mais voltado à importância dos laços familiares, mas também comunitários. Uma das cenas mais significativas do filme é quando os personagens honram os mortos que eram conhecidos, não necessariamente se limitando a familiares para merecerem um espaço em seu altar e ter um bom descanso.



Figura 8 – Altar da família Rivera em Viva – A Vida é uma Festa

O filme apresenta uma curiosidade marcante dos altares aos artistas falecidos que são homenageados pelos fãs. Esse detalhe se assemelha muito a algumas das decorações feitas pela prefeitura do México no ano de 2014, em que enormes caveiras foram decoradas por artistas locais para homenagear os famosos falecidos, assim como concursos das melhores oferendas decoradas nas ruas (FRUGOLI, REJOWSKI, COBUCI, 2016, p.11). O filme apresenta a

presença marcante de Frida Kahlo em sua própria pessoa no mundo dos falecidos, como podemos ver na figura 9.



Figura 9 – *Frida Kahlo em Viva – A Vida é uma Festa*

Em *Viva – A Vida é uma Festa*, percebe-se muitas referências à cultura mexicana, com base na culinária, os papeis picados das decorações, as flores, os altares e entre outros fica evidente que a tradição faz parte de todo o cenário.

Uma das curiosidades sobre um dos personagens do filme e as crenças mexicanas estão no cachorro de Miguel, o Dante, que é um *Xoloitzcuintli*, uma raça nacional de cães do México. Segundo a lenda mexicana, ele protege os donos de espíritos malignos. E assim como no conto é retratado como um guardião para o outro mundo.

A aparência extravagante dos animais atraiu a atenção dos astecas. Assim, eles também criaram o nome “Xoloitzcuintle”. Veio do nome do deus do submundo – Sholotl (Xolotl), que controlava as tempestades e acompanhava a luz do dia. Mas a divindade foi descrita como um monstro humanoide com cabeça de cachorro. Xoloitzcuintles parecia bastante assustador em comparação com outros animais, então eles foram confundidos com companheiros fiéis de Deus e aqueles que morreram em seu caminho para Miktlan – a vida após a morte. De acordo com a mitologia asteca, a alma humana encontrou uma série de obstáculos que não poderiam ser superados sem um ajudante de quatro patas.<sup>52</sup>

<sup>52</sup> <https://www.portaldodog.com.br/voceamigo/xoloitzcuintle/>

Além disso, o cachorro que se chama Dante, deve ser uma provável referência ao escritor Dante Alighieri, cuja obra *A Divina Comédia* fala da viagem do personagem principal aos círculos do inferno.



Figura 10 – *Dante em Viva – A Vida é uma Festa*

É observado que o cachorro de Miguel, Dante da figura 10, possui o mesmo nome do cavalo do artista *De la Cruz* na animação. E sua participação na história como guia de Miguel vai além do papel, pois para os *Mexicas* na travessia da primeira camada de *Mictlan*, o falecido teria que atravessa com ajuda de um cão *Xoloitzcuintle* marrom.<sup>53</sup>

Como falamos anteriormente, os altares são um elemento muito importante no culto aos mortos. Nos dois filmes, vemos flores, velas, caveiras, fotografias, papéis picados, objetos pessoais que usavam em vida, alimentos e bebidas, como podemos observar nas imagens do filme nas figuras 11, 12 e 13.

---

<sup>53</sup> <https://www.mexicolore.co.uk/aztecs/underworld/the-sinister-road-the-nine-levels-of-mictlan-10>

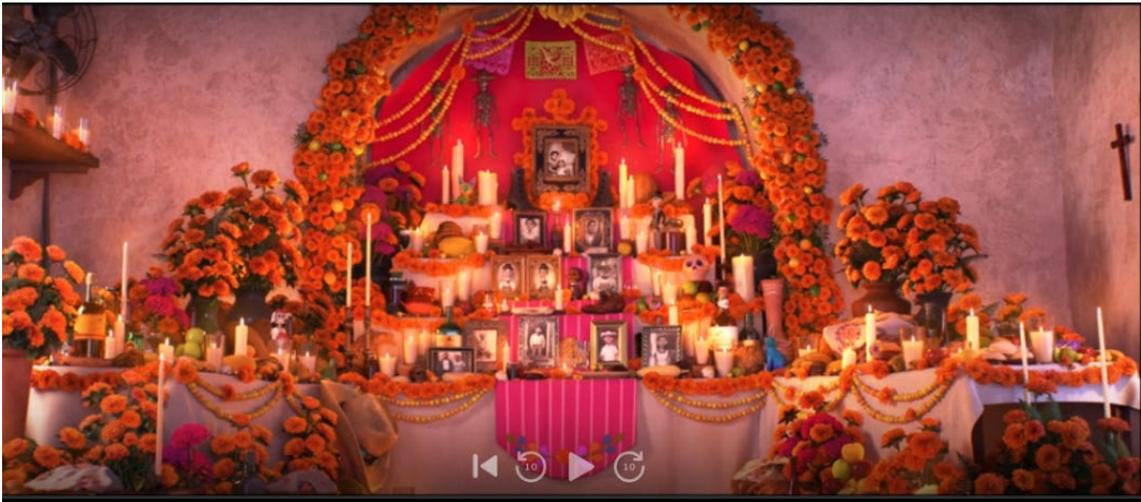


Figura 11 – O altar da família Rivera

Os altares são um dos lugares para os mais velhos reunirem os familiares, explicarem a tradição e compartilhar as lembranças dos falecidos com os mais novos, assim como é representado na figura 12.



Figura 12 – Avó de Miguel explicando a importância da tradição

O sobrenome da família de Miguel “Rivera” vem de uma homenagem ao muralista mexicano Diego Rivera que teve uma grande contribuição as influências políticas e artísticas mexicanas internacionalmente, considerado um dos maiores pintores do século XX por seus murais.

Na figura 13, é interessante observar alguns dos objetos pessoais que mais se destacam nos altares de todos os falecidos ser os sapatos que faziam em vida. Cada membro seguia um estilo pessoal ao negócio da família e assim fazendo parte da oferenda familiar.



Figura 13 – *Altar da Família Rivera com objetos pessoais: fotografias, caveiras de açúcar, velas, flores, alimentos e os famosos sapatos que representam sua ancestralidade.*

Em um recorte do altar que Miguel faz para homenagear o Ernesto de la Cruz secretamente, nos chama a atenção o boneco de madeira, como podemos ver na figura 14. Esses mesmos modelos de bonecos foram os utilizados na animação *Festa no Céu* para contar a história. Os bonecos possuem a representação da cultura mexicana aos brinquedos artesanais e tradicionais a era mesoamericana.<sup>54</sup>



Figura 14 – *Miguel homenageando Ernesto de la Cruz com bonecos representativos, flores, canecas, comidas e caveiras de açúcar.*

Um dos detalhes que mais chama a atenção nas duas animações são as representações das caveiras por quase todos os cenários em objetos, comidas e figurinos, como podemos observar na figura 15.

<sup>54</sup> [https://pt.frwiki.wiki/wiki/Artisanat\\_traditionnel\\_du\\_jouet\\_au\\_Mexique](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Artisanat_traditionnel_du_jouet_au_Mexique)



Figura 15 – Miguel compara os violões de Ernesto de la Cruz com o tataravô.

Como podemos observar na figura 16, Miguel está no cemitério e mexendo em uma das oferendas de outros falecidos. Conseguimos ter uma visão de uma outra oferenda, não igual, mas similar às outras, onde existem as velas, flores, caveiras, pão e pedaços de carne colocadas no túmulo dos falecidos. Os cemitérios também são utilizados como ambientes de encontro e oferenda aos falecidos, mas existem aqueles que montam um altar em casa e outro no túmulo dos falecidos.



Figura 16 – Miguel pegando os alimentos da oferenda dos falecidos.

Outra referência usada nas duas animações sobre o mundo dos mortos é a ponte que interliga os dois mundos. Em *Teotihuacán*, a cidade dos deuses no México, existe uma avenida com aproximadamente 4 quilômetros que conecta as pirâmides do sol e da lua, conhecida como Calçada dos Mortos, que servia supostamente como um caminho para o mundo dos falecidos, como podemos observar nas figuras 17 e 18.



Figura 17 – A ponte que interliga o mundo dos vivos e dos mortos

Na cena da figura 18, conseguimos observar que, ao final das pontes, existem as famosas e grandes pirâmides dos *Mexicas*.

Um detalhe a acrescentar ao cenário do filme é que nessa imagem em que está mais evidente a névoa usada pelos animadores, que foi inspirada em uma de suas visitas ao México para representar mais o cotidiano e familiaridade com as características do ambiente, segundo a plataforma da Disney.

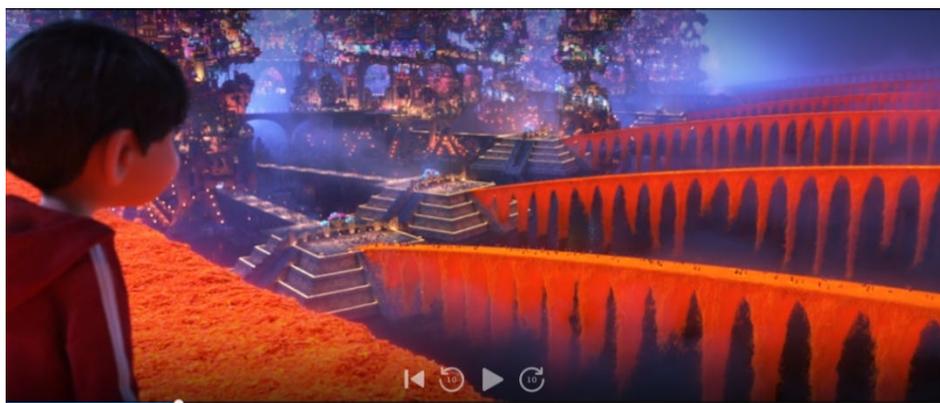


Figura 18 – Miguel admirando o mundo dos mortos

Na figura 19, vemos uma cena em que os mortos estão retornando do mundo dos vivos com as oferendas preparadas por seus familiares, e as apresentam à caveira de azul com chapéu. No canto esquerdo, percebemos uma diferença em oferendas entre um esqueleto representado por uma figura masculina que leva um bolo, enquanto observamos outra figura feminina com muitos alimentos e bebidas. Esse detalhe entre as diferenças das oferendas possui uma conexão com os contos mexicanos em que se discute a importância das oferendas para os defuntos.



Figura 19 – Os mortos retornando com suas oferendas

O personagem Héctor é representado por um dos mortos que não possuem suas fotos na oferenda da família, logo ele não pode visitar os vivos durante o *Día de los Muertos*. Por isso o personagem se disfarça da pintora Frida Kahlo que recebe muitas homenagens durante essa época, alegando que se desse erro no sistema seria pela quantidade de oferendas recebidas (figura 20).



Figura 20 – Héctor se passando por Frida para visitar a terra dos vivos

Frida Kahlo é um grande marco para toda a cultura mexicana e artística da modernidade, suas obras simbólicas e autobiográficas contam muitas histórias pessoais e profundas da pintora sobre suas superações, crenças e tradições. Frida possuía uma mistura em sua ancestralidade que refletia em sua identidade cultural, descendente de pai alemão e mãe com descendência espanhola e indígena mexicana. Frida foi profundamente influenciada pelos trajes típicos das *tehuanas* com suas cores e tecidos floridos da cultura indígena

Oaxaca, lugar onde sua mãe nasceu. A artista trouxe a própria aparência para a sua arte para abordar a individualidade, tradição e ideologia. Assim como na figura 21, os *Alebrijes* (macaco verde no ombro da Frida) são mencionados na animação como guias espirituais que possuem combinações de cores brilhantes e fisionômicas de vários animais. Na cultura mexicana registra-se serem feitos de papel, papelão ou madeira de forma artesanal, cuja missão é acompanhar a infância.<sup>55</sup>



Figura 21 – *Símbolos do México: Frida Kahlo e seu Alebrije.*

Com a ausência de fotografias e oferendas durante anos aos falecidos, aos poucos eles começam a se desfazer até sumirem quando são esquecidos definitivamente, como ocorre com o amigo de Héctor na Figura 22. Miguel questiona o acontecimento, e tenta ajudar o personagem justificando lembrar e ter o conhecido para continuar vivo. Porém Héctor menciona que as memórias têm que ser passadas por aqueles que nos conheceram em vida: “As histórias que contam sobre nós. Mas não tem ninguém vivo para contar as histórias do Cheech”.

---

<sup>55</sup> [https://culturalmaya.com/what-is-an-alebrije-and-its-meaning/#google\\_vignette](https://culturalmaya.com/what-is-an-alebrije-and-its-meaning/#google_vignette)



Figura 22 – Amigo de Héctor da terra dos mortos sendo esquecido

Em outra cena, enquanto Miguel fugia de sua família, adiando a volta ao mundo dos vivos por querer a bênção de um músico, percebe-se nos muros de uma das paredes em que a cena está mais focada, duas referências das *Calaveras de Posada* (figura 23).



Figura 23 – Miguel e as *Calaveras de Posada*

Após retornar ao mundo dos vivos (figura 24), Miguel se dirige ao quarto de sua avó Ines com o violão para tocar uma canção que seu pai havia escrito e cantado com ela quando era menina. Aos poucos, Ines reage e se recorda, cantando junto a Miguel.

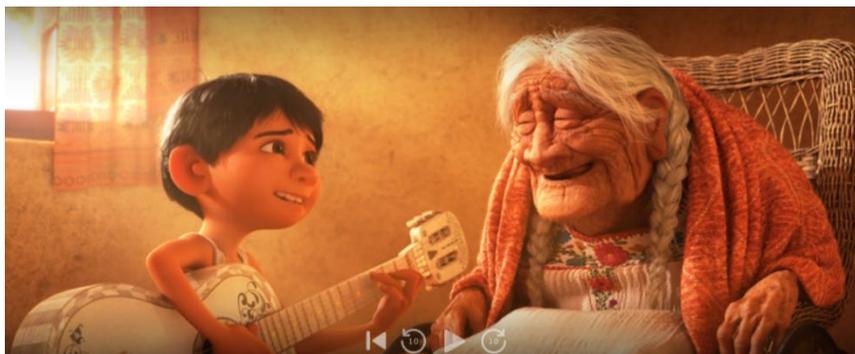


Figura 24 – Miguel cantando para Ines se recordar do pai

A personagem Ines possui algumas curiosidades e significados importantes para o roteiro e a cultura mexicana. Seu nome tem referência a Juana Inés de la Cruz, uma escritora, dramaturga, filósofa e poetisa mexicana do século XVII. Ines quando abandonada pelo pai ainda menina, sua mãe e toda família passaram a odiar e proibir música em casa. Com os anos passando e a idade avançando, Ines começa a desenvolver Alzheimer e esquecer de seus familiares, fazendo com que o falecido pai no mundo dos mortos seja esquecido completamente por ser a única a lembrasse e conhece-lo em vida.

É interessante se analisar nessa cena que aquilo que Ines mais amava e desejava ter contato novamente: seu pai e a música, lhe trouxe de volta, depois de tantos anos distante. Quando ouviu a canção de seu pai que Miguel cantava, algo a fez recordar de todos. Visto que estudos<sup>56</sup> psicológicos<sup>57</sup> mencionam como as artes, especificamente, a música, contribuem como terapias que auxiliam os pacientes de Alzheimer a estimularem a memória pelas lembranças que evocam emoções positivas.

---

<sup>56</sup> [https://indicedesaude.com/arteterapia-musicoterapia-na-doenca-de-alzheimer/?utm\\_source=](https://indicedesaude.com/arteterapia-musicoterapia-na-doenca-de-alzheimer/?utm_source=)

<sup>57</sup> [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000100005&script=sci\\_arttext&utm\\_source=](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000100005&script=sci_arttext&utm_source=)



Figura 25 – *Ines se emocionando com Miguel*

Na Figura 26, Ines abre uma gaveta da qual tira o pedaço rasgado da fotografia da família em que seu pai havia sido retirado. Assim o inclui e conta a todos da família suas lembranças e canções guardadas que o pai havia lhe escrito quando menina.



Figura 26 – *Ines se recordando e incluindo o pai na fotografia da família*

### **Cenas do Filme “Festa no Céu”**

Algumas das representações e símbolos das culturas mesoamericanas estão destacadas na figura 27. Conseguimos observar rostos nas paredes com uma textura rochosa e antiga, como outros detalhes como os papeis picados no alto da figura que interliga um ao outro, como o vitral no meio da imagem em que se destaca uma cabeça animalesca deitada.



Figura 27 – Símbolos da cultura mexicana em Festa no Céu

A Terra dos Lembrados (figura 28) é representada por Catrina que cuida de todos os falecidos em um lugar muito colorido e festivo, com desfiles por todos os lados. Isso mostra muitas representações às tradições das caveiras como decorações e os rostos animais como portais.



Figura 28 – A Terra dos Lembrados em Festa no Céu

A Terra dos Esquecidos (figura 29) é representada por *Xibalba*, um outro deus, é apresentado como um lugar frio e cinzento para o qual as almas esquecidas vão. É também mencionado como o lugar de punições e provações que os mortos têm que passar segundo a tradição dos *Mexicas*. Porém, no roteiro, Manolo ao descer ao mundo dos mortos atrás de Maria, descobre que teria que ir à Terra dos Esquecidos, passar por provas para retornar ao mundo dos vivos.



Figura 29 – A Terra dos Esquecidos em Festa no Céu

Na figura 30, a família Sánchez montou seu altar no cemitério assim como outras famílias, levando velas, flores, alimentos, bebidas, pães, crucifixos como decorações a mais ao túmulo e fotografias. Na imagem em destaque se apresenta a mãe de Manolo a quem pertence a oferenda na imagem.



Figura 30 – As oferendas dedicadas a Família Sánchez

Na figura 31, enquanto os vivos percebem a presença de seus familiares falecidos, todos se apresentam na imagem como fantasmas, demonstrando estarem ali, acolhendo e sendo acolhidos. Conseguimos observar melhor as oferendas à mãe de Manolo, os papeis picados no fundo da imagem e os grandes crucifixos em cima de sua fotografia, mostrando a influência do cristianismo europeu.



Figura 31 – Os familiares falecidos da família Sánchez

Ao observar a figura 32, conseguimos ver de perto as estruturas dos personagens principais feitos de madeira, referência aos brinquedos artesanais dos mesoamericanos.

Assim como a referência que existe na história quando se referem à personagem Maria a chamando pelo sobrenome “Posada”, uma possível homenagem ao ilustrador e impressor José Guadalupe Posada que deu início a um dos marcos mais conhecidos e usados por outros artistas que vieram em seguida em o *Día de los Muertos*.



Figura 32 – Os bonecos de madeira em Festa no Céu

O personagem *Xibalba* apresentado (figura 33) é representado por cores misteriosas e características pouco confiáveis. Na cena apresentada, ele está com seu cajado que tem o formato de uma serpente de duas cabeças.

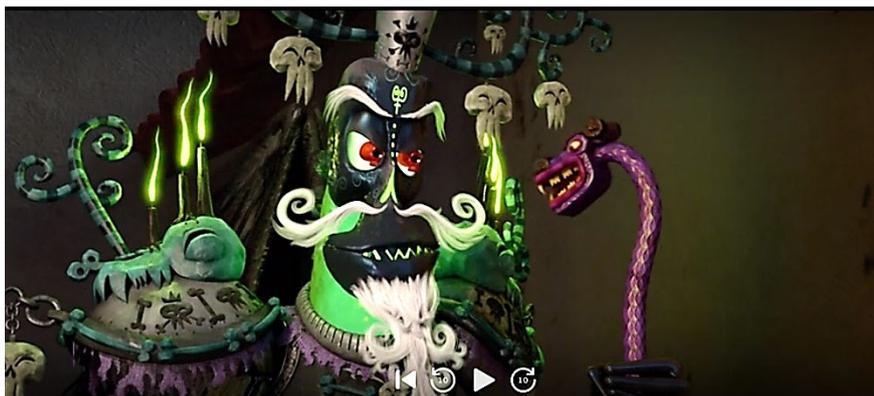


Figura 33 – *Xibalba em Festa no Céu*

A ponte dos mortos em *Festa no Céu* é por onde Manolo caminha ao chegar no mundo dos mortos em busca de Maria e sua falecida família. A ponte possui uma estrutura concreta e lisa, com decorações alaranjadas e de caveiras entre os pilares que seguram o piso no qual os mortos caminham. Acima se percebe as figuras peculiares que compõem a imagem, alguns sendo parte da arquitetura e outros grandes balões dos desfiles que ocorrem naquele momento (figura 34).



Figura 34 – *A ponte dos mortos em Festa no Céu*

Na figura 35, Manolo está em um carro alegórico com sua família durante o desfile do *Día de los Muertos*. À frente dele existem duas figuras que possuem a aparência de toros mecânicos e, atrás dele, a representação de duas cabeças de serpente emplumadas que possuem relação com o deus *Quetzalcóatl* e com *Xibalba* no filme.



Figura 35 – *Manolo se reencontra com seus falecidos familiares*

O funeral de Manolo é preparado por seu pai, que é o único presente na cerimônia. As homenagens feitas no local de sua morte são velas, flores, alimentos, objetos pessoais, como o violão, a capa de toureiro e sua fotografia (figura 36).



Figura 36 – *O altar de Manolo feito por seu pai*

A figura 37, apresenta um labirinto que possui o formato de uma caveira, o qual Manolo precisa atravessar no mundo dos mortos para conseguir falar com Catrina que estava na Terra dos Esquecidos. Para conseguir atravessar os corredores do labirinto, o personagem precisaria ter um coração puro e corajoso,

e passando por essa provação, iria ser julgado para só então poder se comunicar com a deusa.

Segundo as tradições orais no México, os Maias tinham uma lenda sobre um labirinto quadrado em *Oxkintok*, chamado *Tza Tun Tzat* que significa “lugar perdido” ou “lugar para se perder” onde só quem tem a alma pura conseguiria achar a saída.



Figura 37 – O labirinto do julgamento

Os quatro reinos mencionados na figura 38, estão relacionados à cosmovisão que os Maias possuíam, mencionado anteriormente, na crença da divisão das regiões em quatro cores que se relacionam às direções cardeais que representavam o deus da chuva, *Chaac*.

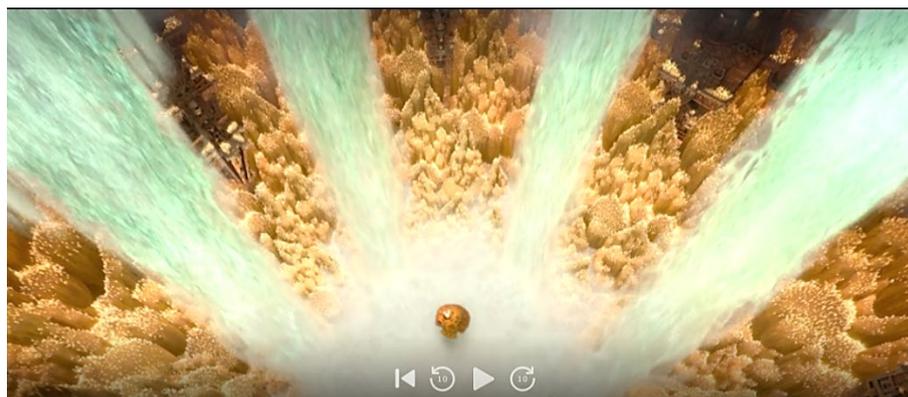


Figura 38 – Os quatro reinos em Festa no Céu

Carlos, pai de Manolo, vem representando os falecidos após sua morte com a mesma vestimenta, mas com características do seu rosto mudadas como se gravadas à mão a um efeito esquelético. Esses entalhes muito bem elaborados se assemelham às maquiagens utilizadas pela cultura mexicana

durante o *Día de los Muertos*. Outro detalhe importante da figura 39, é que podemos observar as características do cenário com caveiras, chifres de touros e outros símbolos atrás do personagem.



Figura 39 – Carlos, o pai de Manolo em Festa no Céu

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho analisou a representação do *Día de los Muertos* nos filmes *Festa no Céu* e *Viva – A Vida é uma Festa*, comparando e analisando suas abordagens narrativas, visuais e culturais. Assim, cada vez que se analisava as obras um novo detalhe existia baseado em muitas representações de suas origens, tanto quanto se estudava mais sobre a cultura e mais um detalhe era percebido como referência na história.

A comparação entre essas duas obras é riquíssima em apresentar como uma mesma tradição pode ser interpretada de maneiras distintas no cinema, influenciando a percepção global sobre a cultura mexicana. Em *Festa no Céu* a utilização da estética visual é muito bem elaborada, criativa e simbólica a cultura, personagens inspirados em bonecos de madeiras dos quais fazem parte da própria cultura, assim como seus trajes que contam a própria história. Enquanto, *Viva – A Vida é uma Festa* apresenta um roteiro belíssimo sobre a importância das lembranças para cuidar daqueles que já partiram. Exaltando os trabalhos incríveis dos artistas nessas duas obras, não apenas os visíveis, mas também aqueles que aconteciam nos bastidores em buscar e elaborar as características culturais para dar formas às histórias, assim preservando e incluindo novas lembranças baseada no tema desenvolvido.

Ao longo da pesquisa, sugeriu-se que, embora a teoria aborde as tradições indígenas, os filmes analisados focam mais na modernização da tradição nos dias atuais, mencionando superficialmente os aspectos históricos dos *Mexicas*. Isso reforça a ideia de que a representação cinematográfica tende a priorizar as particularidades mais conhecidas e mencionadas mediaticamente, em vez de explorar mais os símbolos históricos (existindo a compreensão de ser um tema pouco conhecido).

Em *Festa no Céu* a personagem Maria possui características mais próximas as singularidades indígenas em usar uma saia baseada no desing folclórico mexicano, porém é uma curiosidade a mais que sabemos por pesquisar sobre o filme, não é algo que está claro para o público. Os dois filmes apresentam riquíssimos detalhes sobre as heranças mexicanas mais conhecidas: os

mariachis, os toureiros e artistas que possuem presença no enredo, enquanto as características indígenas são deixadas de lado pela falta de conhecimento e oportunidade de serem exploradas, tanto pelos animadores quanto ao público por não ter tanto acesso à informação.

Os filmes trazem referências às tradições indígenas que se mesclaram às europeias: as oferendas feitas nos altares dos falecidos com alimentos, velas, cruzeiros, fotografias etc. E não diretamente as oferendas são oferecidas aos deuses como se descreve nas crenças maias e astecas. A importância dos deuses e da celebração nos dois filmes é apresentada, as descrições de céu e inferno passam a ter uma representação moral das influências estrangeiras que segundo os Mexicas não possuíam.

É difícil identificar as origens da celebração por receber influências estrangeiras. Um meio de preservar as culturas seria acessibilizar a herança cultural, não ocultando oportunidades de desenvolver e incluí-los de verdade.

Além disso, este trabalho não apenas analisou as representações do *Día de los Muertos* nos filmes *Festa no Céu* e *Viva – A Vida é uma Festa*, mas também serviu como um exercício de conhecimento para minha própria trajetória profissional. Assim como o curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas – MSI busca formar profissionais capacitados para interpretar, adaptar e produzir conteúdos que sejam culturalmente responsáveis e relevantes em um cenário globalizado. Este estudo foi uma oportunidade para desenvolver essa sensibilidade cultural na prática em uma análise crítica das animações escolhidas.

Ao longo do trabalho, ficou evidente que representar diferentes culturas exige pesquisa, respeito para ressignificações criativas e evitar o uso apropriado indevido de culturas.

Dessa forma, este estudo também cumpriu um papel pessoal, ajudando-me a compreender melhor os desafios e responsabilidades ao trabalhar com representações culturais, seja na animação ou em qualquer outra forma de comunicação intercultural.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Felipe.; BRAGA, Virna. **DÍA DE LOS MUERTOS: um rito de cores e alegria.** Juiz de Fora: Estação Científica, 2018. p.2,3,4,5,7,8.

AZEVEDO, Cinara Leal.; LEMES, Debora.; MALDONADO, Maria Cristina Torres.; MARCHESAN, Maria Tereza Nunes. **Alegria e festa colorida no “Día de Muertos”:** a cultura mexicana na aula de Língua Espanhola. Santa Maria–RS: PIBID, 2011-2013. p.6-7.

BAITY, Elizabeth Chesley. **A américa antes de colombo.** Arthur L. Smith, Belo Horizonte: Itatiaia, 1963. p. 147,148,150.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **América pré-colombiana.** São Paulo: Editora Brasiliense s.a, 1993. p. 62.

CARRASCO, Pedro. CÉSPEDES, Guillermo. **Historia de América Latina, 1. América indígena; La conquista.** Madrid: Alianza Editorial, 1985. p.86,87,89.

CONACULTA. **Así nació el Día de Muertos.** Patrimonio de la humanidad La festividad indígena dedicada a los muertos en México. México: Conaculta, 2006. p. 9,10,15,16,17,19.

DORADO, Miguel Rivera. **Los Mayas: El esplendor de una civilización.** Madrid: Turner, 1990. p.106.

FLORENCIO, Sergio. **Os mexicanos.** São Paulo: Editora Contexto, 2014. p.11.

FRUGOLI, REJOWSKI, COBUCI. **DIA DOS MORTOS NO MÉXICO: COMEMORAÇÃO, COMENSALIDADE E ESPETACULARIZAÇÃO.** 2016, p.11.

GOUCHER, Candice.; WALTON, Linda. **História mundial jornadas do passado ao presente.** Lia Gabriele Regius Reis. São Paulo: Penso, 2011. p. 47,100.

KRICKEBERG, Walter. **Las antiguas culturas mexicanas**. Sita Garst y Jas Reuter. México: Fondo de Cultura Económica, 1956, p.128.

LUJÁN, José Éric Mendoza. Que viva el Día de Muertos. Rituales que hay que vivir en torno a la muerte. In: CONACULTA. **Así nació el Día de Muertos**. México: Conaculta, 2006. p.37.

MALVIDO, Elsa. La festividad de Todos Santos, Fieles Difuntos y su altar de muertos en México, patrimonio “intangible” de la humanidad. In: CONACULTA. **Así nació el Día de Muertos**. México: Conaculta, 2006. p.44,54.

NAVARRO, Alexandre Guida. **Civilizações pré-colombianas**. São Paulo: Contexto, 2024. p.112.

PARDO, Carlos Alberto Hiriart. Noche de muertos en Michoacán. Reflexiones sobre su manejo como recurso turístico cultural. In: CONACULTA. **Así nació el Día de Muertos**. México: Conaculta, 2006. p.128.

PEREGALLI, Enrique. **A America que os europeus encontraram**. 1950. p. 13,14.

PINTADO, Ana Paula. Nutelia: la fiesta para alimentar a los muertos. Una celebración en una comunidad tarahumara. In: CONACULTA. **Así nació el Día de Muertos**. México: Conaculta, 2006. p.137.

RUBIO, Miguel Ángel; MARTÍNEZ, Meztli. De sombras, sapos y espíritus. Relatos sobre los Días de Muertos entre los chontales de Tabasco y los pames de Querétaro. In: CONACULTA. **Así nació el Día de Muertos**. México: Conaculta, 2006. p. 95-110.

RUIZ, Maya. **El Día de Muertos como patrimonio cultural inmaterial de la humanidad. Los dilemas de una convención en Michoacán**. México: Enfoques, 2014. p.40,41,43,44,49,51.

RUZ, Alberto. **El Pueblo maya**. México: Salvat, 1993. p. 131,132,133,218.

SOLANA, Nelly Gutiérrez. **Los Mayas: Historia, arte y cultura**. México: Panorama, 1991. p.65,66,67,72,74.

VAILLANT, George Clapp. **Astecas do mexico**. Henrique Santos Carvalho. Lisboa: Ulisseia, 1944. p.165,166,167,251.

#### **Sites:**

**A Estrada Sinistra: os Nove Níveis de Mictlan' de Gonzalo Zacaula Velázquez.** 2023. Disponível em: <<https://www.mexicolore.co.uk/aztecs/underworld/the-sinister-road-the-nine-levels-of-mictlan-10>>. Acesso em: 16 de jan. de 2025.

**A música como agente terapêutico no tratamento da Doença de Alzheimer.** Juiz de Fora, 2021. Disponível em: <[https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000100005&script=sci\\_arttext&utm\\_source=>](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1982-12472021000100005&script=sci_arttext&utm_source=>)>. Acesso em: 10 de fev. de 2025.

**Arteterapia e musicoterapia na doença De Alzheimer.** Índice de Saúde, 2017. Disponível em: <[https://indicedesaude.com/arteterapia-musicoterapia-na-doenca-de-alzheimer/?utm\\_source=>](https://indicedesaude.com/arteterapia-musicoterapia-na-doenca-de-alzheimer/?utm_source=>)>. Acesso em: 10 de fev. de 2025.  
MARTINS, Heloisa Passos.

**Artesanato de brinquedo tradicional no México.** Wiki, 2019. Disponível em: <[https://pt.frwiki.wiki/wiki/Artisanat\\_traditionnel\\_du\\_jouet\\_au\\_Mexique](https://pt.frwiki.wiki/wiki/Artisanat_traditionnel_du_jouet_au_Mexique)>. Acesso em: 3 de fev. de 2025.

BARQUIN, Juan Antonio. **Guillermo del Toro on The Book of Life: "This Film Is Unapologetically Latin and Mexican"** Miami New Times, 2014. Disponível em: <<https://www.miaminewtimes.com/arts/guillermo-del-toro-on-the-book-of-life-this-film-is-unapologetically-latin-and-mexican-6492046>>. Acesso em: 10 de out. de 2024.

**Calaveras literarias.** Disponível em: <<https://poetryofremembrance.com/calaveras-literarias/>>. Acesso em: 4 de ago. de 2024.

CARTWRIGHT, Mark. **Mictlantecuhtli.** World History, 2013. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/Mictlantecuhtli/>>. Acesso em: 12 de ago. de 2024.

CARTWRIGHT, Mark. **Quetzalcóatl.** World History, 2013. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/Quetzalcoatl/>>. Acesso em: 2 de jul. de 2024.

**Conheça La Catrina, o esqueleto que é símbolo do Dia dos Mortos, no México.** REDAÇÃO NATIONAL GEOGRAPHIC BRASIL, 2024. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2024/11/conheca-la-catrina-o-esqueleto-que-e-simbolo-do-dia-dos-mortos-no-mexico>>. Acesso em: 3 de fev. de 2025.

FERNÁNDEZ, Bibian. **LA TRADICION DEL DIA DE LOS MUERTOS: COMPRENSIÓN DE DOS CULTURAS, MÉXICO Y COLOMBIA.** p.2. Disponível em: <<https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/23125/2020castiblancobibian.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 11 de out. de 2024.

GAYUBAS, Augusto. **Conquista do México.** Enciclopédia Humanidades, 2023. Disponível em: <<https://humanidades.com/br/conquista-do-mexico/>>. Acesso em: 13 de dez. de 2024.

GELLER. **Xibalba.** My thology net, 2016. Disponível em: <[https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google\\_vignette](https://mythology.net/others/concepts/xibalba/#google_vignette)>. Acesso em: 16 de jun. de 2024.

GONZÁLEZ, Gabriela. **Calendario mexicana: origen, tipos, días y meses del calendario.** Venezuela, 2019. Disponível em: <<https://www.lifeder.com/calendario-mexica>>. Acesso em: 6 de nov. de 2024.

HAYRAN Handreza. **Xoloitzcuintle: A raça que é o tesouro nacional do México.** Portal Dog, 2020. Disponível em: <<https://www.portaldodog.com.br/voceamigo/xoloitzcuintle/>>. Acesso em: 3 de fev. de 2025.

José Guadalupe Posada. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/entity/m02vw34?hl=pt>>. Acesso em: 15 de out. de 2024.

**Los 4 datos curiosos de la flor de cempasúchil, ícono de México y del día de muertos.** REDACCIÓN NATIONAL GEOGRAPHIC. 2024. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicla.com/historia/2024/10/los-4-datos-curiosos-de-la-flor-de-cempasuchil-icono-de-mexico-y-del-dia-de-muertos>>. Acesso em: 16 de jan. de 2025

**Mitologia Maia e o Submundo: Navegando por Xibalba.** 2024. Disponível em: <<https://mythologyworldwide.com/mayan-mythology-and-the-underworld-navigating-xibalba/>>. Acesso em: 20 de nov. de 2024.

MUÑOZ-LEDO, Rocío. **¿Cuál es el origen e historia del Día de Muertos en México y por qué se celebra?** Disponível em: <<https://cnnespanol.cnn.com/2023/10/31/origen-historia-dia-muertos-mexico-por-que-se-celebra-orix>>. Acesso em: 19 de jun. de 2024.

MURPHY, Mekado. **Hand-Carved Love Triangle.** The New York Times, 2014. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2014/10/19/movies/jorge-r-gutierrez-talks-about-his-film-the-book-of-life.html>>. Acesso em: 3 de dez. de 2024.

**O que significa Maquiagem de Caveira Mexicana?** Medium, 2018. Disponível em: <<https://medium.com/@sitecaveiramexicana/o-que-significa-maquiagem-de-caveira-mexicana-f7b27db2118b#:~:text=A%20maquiagem%20de%20caveira%20mexicana,cald eir%C3%A3o%20cultural%20do%20povo%20mexicano>>. Acesso em: 13 de nov. de 2024.

**QUAL A ORIGEM E O SIGNIFICADO DA TÃO EMBLEMÁTICA CAVEIRA MEXICANA?** Caveira Roots. Disponível em: <<https://caveira-roots.com/blogs/blog-caveira-roots/caveira-mexicana-significado?srsId=AfmBOorK1M-w5sfgYTDwa72UiyBBBFAZDPcMEMi5mGyNFdDYu6vi6HM>>. Acesso em: 21 de nov. de 2024.

**The Book of Life - Movie Reviews | Rotten Tomatoes.** Fandango. Disponível em: <[https://www.rottentomatoes.com/m/the\\_book\\_of\\_life\\_2014/reviews](https://www.rottentomatoes.com/m/the_book_of_life_2014/reviews)>. Acesso em: 20 de nov. de 2024.

**What is an alebrije and its meaning?** Cultura Maya, 2022. Disponível em: <[https://culturalmaya.com/what-is-an-alebrije-and-its-meaning/#google\\_vignette](https://culturalmaya.com/what-is-an-alebrije-and-its-meaning/#google_vignette)>. Acesso em: 8 de fev. de 2025.

WHIZAR-LUGO, Victor. **Día de Muertos. Una Festividad Ritual con Tradición Mexicana.** México: Anestesia en México, 2004. p.3. Disponível em: <<https://www.imageneseducativas.com/wp-content/uploads/2015/10/D%C3%ADa-de-los-Muertos.pdf>>. Acesso em: 7 de nov. de 2024.

### **Filmografia:**

Canal History Brasil. **EPISÓDIO COMPLETO: As construções Maias e sua conexão poderosa com o universo | EXPLORAÇÃO MAIA.** 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=En0E1lwsBQM>>. Acesso em: 3 de fev. de 2025.

Foca na História. **As Grandes Civilizações Latino Americanas - Maias - Astecas - Incas - Foca na História.** 2023. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=99hP5wCr51I>>. Acesso em: 3 de fev. de 2025.

FUI VIAJAR NÃO SEI QUANDO VOLTO. **A inacreditável festa dos mortos no México** |2| **Puebla.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=44vUMxl39Us>>. Acesso em: 6 de jan. de 2025.

FUI VIAJAR NÃO SEI QUANDO VOLTO. **Festa no cemitério! |4| A exótica tradição mexicana.** 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fmijJU-gvwY&t=2s>>. Acesso em: 6 de jan. de 2025.

INAH TV. **Piedra del Sol o Calendario Azteca.** 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e8k2G4wcPhs&t=21s>>. Acesso em: 3 de jan. de 2025.

UNAM Global. **La leyenda del Mictlán dio vida al Día de Muertos - UNAM Global.** 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YH9tjOh22ho&t=29s>>. 3 de jan. de 2025.

VULKAUM, Ed. **Qual a origem do dias dos mortos?** 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=juJAWt00oF8>>. Acesso em: 3 de jan. de 2025.

YULAY. **El Culto más TEMIDO “LA SANTA MUERTE” (Documental) | Yulay.** 2021. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=bN0zc2F5w\\_Y&t=1s](https://www.youtube.com/watch?v=bN0zc2F5w_Y&t=1s)>. Acesso em: 6 de jan. de 2025.